



Rua 8, Setor Central Goiânia

Um projeto de requalificação.



Orientadora: Maria Ester de Souza
Aluna: Maria Eduarda Brito

Rua 8, Setor Central Goiânia

Um projeto de requalificação.

Agradecimentos

Aos meus pais, Pedro e Janine, muito obrigada por tudo o que sempre fizeram por mim, por nunca terem desistido e por todo o apoio e incentivo nessa caminhada. À minha irmã Sophia, sou eternamente grata por tê-la na minha vida e pelos momentos de descontração, mas também por me incentivar e me trazer de volta à realidade quando necessário. À minha vovó Jovita, muito obrigada pelas incontáveis orações, por todo o apoio e incentivo e, claro, por ter me mimado durante todo esse período.

Às minhas amigas Anna, Myrelly, Raissa e Laura, vocês foram (e são) essenciais na minha trajetória. Obrigada por sempre acreditarem em mim e me apoiarem em tudo. Vocês me inspiram a buscar ser cada dia melhor.

To my sweet Noah, thank you for loving me through this journey, for being my biggest supporter and for helping me believe in myself again. I'm so grateful for you.

Às minhas orientadoras maravilhosas: Adriana Bernardi, que me apoiou desde o princípio, me ajudando a dar início a este projeto; e Maria Ester de Souza, que, com todo o carinho e paciência do mundo, pegou na minha mão e me ajudou a finalizar. Obrigada por todo o apoio e conhecimento compartilhado, serei eternamente grata a vocês!

Minhas psicólogas incríveis, Gabriela e Audrey, vocês foram essenciais na minha jornada de autoconhecimento e cuidado com a saúde mental. Sem vocês, nada disso teria sido possível.

Por fim, obrigada a todas as pessoas que passaram pela minha vida ao longo destes 24 anos. A todas as que entraram e permaneceram, e também às que saíram, vocês foram cruciais para que eu pudesse me tornar quem eu sou hoje. E a todos que viveram o Centro comigo, serei para sempre grata por todas as memórias que criamos lá.

Sem vocês, eu nada seria! Muito obrigada!

Sumário

- 1.Introdução
- 2.Temática
- 3.Tema: Requalificação na Rua 8 do Setor Central de Goiânia
 - 3.1.O que é requalificação?
 - 3.2.Áreas centrais
 - 3.3.De Goiânia à Rua 8
 - 3.4.Planos para a revitalização do Centro de Goiânia
- 4.Metodologias
- 5.Estudos de caso
 - 5.1.Centraliza
 - 5.2.Huellas Artes
 - 5.3.Ruas completas
- 6.Memorial de projeto
 - 6.1.Lugar – A Rua 8
 - 6.2.Levantamento
 - 6.3.Questionário
 - 6.4.Usuários
 - 6.5.Diagnóstico
 - 6.6.Propostas de requalificação
 - 6.7.Desenhos das propostas
- 7.Referências Bibliográficas

A presença das pessoas atrai outras pessoas, é uma coisa que os planejadores e projetistas tem dificuldade em compreender. Eles partem do princípio de que os habitantes das cidades preferem contemplar o vazio, a ordem e o sossego palpáveis. O equívoco não poderia ser maior. O prazer das pessoas em ver o movimento e outras pessoas é evidente em todas as cidades. – Jane Jacobs em ‘Morte e Vida das Grandes Cidades’, 2005.

1. Introdução

A escolha do Setor Central de Goiânia, em especial a Rua 8, como objeto de estudo para este Trabalho de Conclusão de Curso justifica-se por uma confluência de fatores históricos, urbanísticos, culturais e pessoais. Trata-se de uma área de relevante importância para a constituição da cidade de Goiânia, não apenas por seu valor patrimonial, mas também pela sua centralidade histórica e simbólica.

A Rua 8 está inserida em um dos primeiros traçados da cidade planejada por Attílio Corrêa Lima, sendo testemunha da consolidação do estilo Art Déco na capital. Este traçado carrega consigo elementos arquitetônicos, simbólicos e culturais que traduzem um momento histórico importante do urbanismo brasileiro. Além disso, a Rua 8 está localizada próxima a outros eixos estratégicos do Centro — como as avenidas Goiás, Araguaia e Anhanguera — configurando um campo fértil para propostas de requalificação integrada e multidimensional.

A motivação pessoal também se faz presente, uma vez que a autora deste trabalho possui memória afetiva com a região, por ter vivenciado parte significativa de sua trajetória de vida no Setor Central. Tal envolvimento permite uma leitura mais sensível das dinâmicas sociais, culturais e espaciais do local, agregando uma dimensão subjetiva importante ao processo de análise e intervenção.

Entretanto, o Setor Central apresenta diversos sinais de esvaziamento urbano e degradação, que comprometem seu potencial de desenvolvimento. O envelhecimento da infraestrutura, o abandono de edificações históricas, o crescente número de pessoas em situação de rua e a perda de vitalidade comercial e residencial são fatores que evidenciam a urgência de propostas de requalificação.

Além disso, o Setor Central ainda abriga uma intensa atividade cultural alternativa, sustentada por coletivos de artistas, feiras, manifestações culturais populares e espaços de sociabilidade urbana. Tais elementos demonstram que, mesmo diante da degradação, a região ainda pulsa com vida urbana, sendo necessária uma requalificação que respeite, preserve e potencialize esses aspectos.

Por fim, este trabalho busca contribuir com a discussão sobre políticas públicas urbanas voltadas à revitalização de áreas centrais, a partir de um recorte localizado e sensível, propondo diretrizes que articulem preservação patrimonial, inclusão social, valorização cultural e reocupação qualificada do espaço urbano.

2. Temática

Este trabalho está no campo do urbanismo, conceito que, para além de um simples conjunto de técnicas de planeamento e desenho, representa uma prática interdisciplinar que busca compreender, organizar e transformar o espaço urbano de modo a atender às demandas sociais, econômicas e ambientais da cidade contemporânea. O urbanismo envolve o estudo das relações complexas entre as pessoas e os lugares que ocupam, articulando conhecimentos da arquitetura, sociologia, geografia, economia e outras áreas para pensar a cidade como um organismo dinâmico e multifacetado (MOURA, 2006; VARGAS, 2015).

A cidade, nesse contexto, não é apenas um aglomerado de edificações e ruas, mas um espaço social, cultural e simbólico onde se desenvolvem práticas cotidianas e interações humanas que dão significado e vida ao urbano. Conforme enfatiza Kevin Lynch (1997), a percepção que os indivíduos têm da cidade está fortemente associada à sua legibilidade — isto é, à capacidade de reconhecer e se orientar através dos elementos urbanos como vias, marcos perceptíveis, limites e bairros. Essa legibilidade influencia não só a experiência individual, mas também a identidade coletiva e o sentimento de pertencimento dos cidadãos, sendo, portanto, um componente essencial no processo de planeamento urbano.

Por sua vez, Jane Jacobs (2011) destaca que a vitalidade da cidade está intrinsecamente ligada à diversidade funcional e social, especialmente concretizada nas ruas. Elas não são meramente corredores de circulação, mas espaços de convivência e segurança gerada pelo constante movimento das pessoas. Essa perspectiva reforça que o urbanismo eficaz deve fomentar a coexistência harmoniosa de usos variados e que o espaço público seja vivenciado como um ambiente acolhedor e seguro.

Nesse cenário, o papel do urbanista é multifacetado e de grande relevância. Este profissional atua como mediador entre diferentes interesses — governamentais, privados e comunitários — buscando garantir que as intervenções urbanas considerem as necessidades reais da população e promovam a sustentabilidade social e ambiental (GEHL, 2013). O urbanista deve valorizar a escala humana do espaço, projetando lugares que estimulem a permanência, o encontro e a apropriação coletiva, princípios fundamentais para fortalecer o tecido social urbano.

As políticas de urbanização configuram o conjunto das diretrizes, planos e instrumentos legais que orientam o desenvolvimento e a transformação das cidades. Elas são formuladas a partir de diagnósticos técnicos, diretrizes estratégicas e ampla discussão política e social, buscando equilibrar interesses e promover o direito à cidade para todos os habitantes (MOURA, 2006). Tais políticas influenciam diretamente o ordenamento do território, regulam usos do solo, promovem a infraestrutura urbana e asseguram a provisão de serviços, desempenhando papel central na matriz de decisões que moldam a vida urbana.

A partir dessas considerações, a requalificação urbana se apresenta como uma prática fundamental dentro do urbanismo contemporâneo, ao possibilitar a revitalização de áreas centrais e degradadas, estimulando a melhoria da qualidade do espaço público, a diversidade funcional e a inclusão social. No caso específico da Rua 8, no Setor Central de Goiânia, a requalificação se insere como uma intervenção estratégica que visa resgatar o valor histórico, cultural e social deste eixo urbano, realçando sua importância para a dinâmica e identidade da cidade. Esse aspecto será aprofundado no capítulo seguinte, onde se detalharão os processos e impactos da requalificação proposta.

3.Tema: Requalificação na rua 8 do setor central de Goiânia:

3.1. O que é requalificação?

A discussão em torno da recuperação de áreas urbanas degradadas envolve diferentes conceitos que foram sendo incorporados ao urbanismo ao longo das últimas décadas. Um dos primeiros termos a ganhar relevância foi o de revitalização urbana, entendido como o processo de devolver vitalidade a espaços que perderam sua função social, econômica e cultural. Nesse sentido, a revitalização busca reintroduzir a “vida urbana”, estimulando a presença de pessoas, o uso dos espaços públicos e a reativação de atividades comerciais e culturais, fortalecendo o dinamismo característico dos centros urbanos (MOREIRA, 2007).

A partir do final da década de 1980, sobretudo em contextos europeus como Portugal, surge o conceito de requalificação urbana. Maria da Graça Santos Antunes Moreira (2007) observa que o termo demorou a se consolidar, tornando-se mais frequente apenas na década de 1990, quando passou a aparecer em documentos de planejamento urbano. A autora explica que a requalificação vai além da revitalização: enquanto esta se concentra na recuperação da vitalidade social e no estímulo ao uso dos espaços, a requalificação abarca uma abordagem mais ampla, que inclui melhorias físicas, reorganização funcional, fortalecimento econômico e valorização simbólica da cidade.

Essa distinção é importante porque outros termos também se aproximam do debate, embora tenham sentidos distintos. A reabilitação urbana costuma se restringir à recuperação física de edificações, com ênfase no patrimônio construído; a recuperação urbana refere-se ao restabelecimento de condições anteriores, muitas vezes ligadas à infraestrutura e à habitação; e a renovação urbana está associada a processos mais radicais, como demolições e reconstruções de tecidos urbanos inteiros. A requalificação, por sua vez, procura articular os diferentes aspectos do espaço urbano — físico, social, econômico, cultural e ambiental — de forma integrada e sustentável (MOREIRA, 2007).

A realização de uma requalificação urbana exige etapas bem definidas. Inicialmente, é necessário um diagnóstico detalhado da área em questão, que contemple seu estado físico, usos atuais, perfil populacional, infraestrutura, mobilidade e dinâmicas sociais. Em seguida, identificam-se as potencialidades e restrições, como patrimônio histórico existente, localização estratégica e atividades econômicas em funcionamento. A partir desse levantamento, são estabelecidos objetivos específicos (econômicos, sociais, culturais ou ambientais) e, fundamentalmente, promovida a participação da comunidade, assegurando que a intervenção atenda às reais demandas locais. O projeto de requalificação deve contemplar soluções urbanísticas e arquitetônicas adequadas, associadas a instrumentos legais e institucionais que viabilizem sua execução, como incentivos fiscais, planos diretores e parcerias público-privadas. Por fim, a implementação deve ser acompanhada por ações de gestão, manutenção e monitoramento, de modo a garantir a sustentabilidade das transformações ao longo do tempo (VARGAS; CASTILHO, 2015).

Os impactos da requalificação urbana podem ser amplos e significativos. Quando bem planejada, ela resulta na valorização do espaço público, tornando-o mais aces-

sível, seguro e atraente; favorece a mobilidade sustentável, priorizando pedestres, ciclistas e transporte coletivo; estimula a economia local, ao atrair comércio, serviços e turismo; e contribui para a preservação do patrimônio cultural e arquitetônico. Além disso, melhora a qualidade de vida da população, promovendo espaços de convivência, lazer e inclusão social.

Contudo, há também riscos que precisam ser considerados, como processos de gentrificação, que podem levar à expulsão de moradores de baixa renda em virtude da valorização imobiliária, ou intervenções que priorizam a estética em detrimento da identidade cultural e das necessidades sociais.

No contexto brasileiro, a noção de requalificação urbana consolidou-se em meio ao crescimento desordenado das cidades e à perda de centralidade em áreas históricas. A partir da segunda metade do século XX, com a intensificação da urbanização e a emergência de problemas como degradação física, êxodo populacional e obsolescência funcional, tornou-se evidente a necessidade de políticas específicas para recuperar os centros urbanos.

Assim, a requalificação deve ser entendida como um processo estratégico, que vai além da simples reforma física de espaços. Ela busca restituir centralidade, dinamismo e qualidade às áreas urbanas, articulando dimensões patrimoniais, sociais, econômicas e ambientais. Seu êxito depende tanto da adoção de métodos adequados quanto da participação ativa da comunidade e da integração entre poder público e iniciativa privada, garantindo que os resultados sejam sustentáveis e efetivamente benéficos para a cidade como um todo.

3.2. Áreas centrais

As áreas centrais constituem um dos elementos mais importantes e complexos do tecido urbano, desempenhando papel fundamental na organização espacial, social e econômica das cidades. Estes espaços concentram múltiplas funções urbanas essenciais e representam pontos de convergência de fluxos de pessoas, mercadorias, capital e informação, configurando-se como verdadeiros núcleos dinamizadores da vida urbana. Diversas foram as considerações atribuídas a este conceito, dentre elas temos:

"Os centros das cidades têm sido identificados como o lugar mais dinâmico da vida urbana, animados pelo fluxo de pessoas, veículos e mercadorias decorrentes da marcante presença das atividades terciárias, transformando-se no referencial simbólico das cidades. Historicamente eleitos para a localização de diversas instituições públicas e religiosas, os centros têm a sua centralidade fortalecida pela somatória de todas essas atividades, e o seu significado, por vezes, extrapola os limites da própria cidade." (VARGAS, 2015, p. 1)

Para Villaça (2001), o centro se define fundamentalmente pela capacidade de minimizar o tempo gasto, os desgastes e os custos associados aos deslocamentos espaciais dos seres humanos. Esta abordagem destaca que "toda aglomeração socioespacial humana – da taba indígena à metrópole contemporânea, passando pelas cidades medievais e as pré-colombianas – desenvolve um e apenas um centro principal" (VILLAÇA, 2001, p. 237).

Segundo o autor, os centros não se explicam por proposições isoladas, mas resultam de uma construção histórica. O autor afirma que o centro (ou não centro) são frutos de um processo, um movimento, que faz com que se tornem ou deixem-se de ser centro. Ele exemplifica que:

“Uma capela pode preexistir em relação ao centro de uma cidade, mas ela somente se tornará centro ou parte do centro se e quando surgir uma cidade ou povoado em torno dela que faça dela seu centro, isto é, se vier a existir algo do que ela se torne centro.” (VILLAÇA, 2001, p. 238).

Como ele enfatiza: "Os centros não são centros porque neles se localizam os palácios, as catedrais ou os bancos. Vimos que o oposto também é verdadeiro" (VILLAÇA, 2001, p. 242).

Esta perspectiva reconhece que a centralidade é um processo social e espacial construído ao longo do tempo, onde as instituições se localizam nos centros precisamente porque eles já exercem essa função central na estruturação urbana.

É importante distinguir os conceitos de centro e centralidade. Enquanto o centro refere-se à forma espacial, à materialidade de determinada área da cidade, a centralidade diz respeito ao conteúdo, ao conjunto de funções e significados que essa área desempenha na estrutura urbana. Uma área pode manter sua forma de centro – com edifícios históricos, infraestrutura consolidada – mas perder centralidade se suas funções são transferidas para outras localidades.

O que define efetivamente uma centralidade é o movimento pelas vias - os fluxos - ou seja, a circulação contínua de consumidores, trabalhadores, automóveis, mercadorias e informações. Esta dinâmica de fluxos não é meramente funcional, mas expressa as relações de poder, as hierarquias sociais e as estratégias de localização dos diversos agentes urbanos.

Segundo Kneib (2004), a grande maioria dos centros tradicionais de grandes cidades passa por um processo de ascensão, saturação e degradação, fortemente relacionado à acessibilidade a essa área. De acordo com a autora, a multiplicidade de atividades e de infraestrutura atrai grande número de pessoas e viagens.

Consequentemente, novas construções precisam surgir para atender a esse novo contingente populacional. A demanda por áreas também aumenta consideravelmente, causando a valorização dos terrenos e estimulando ainda mais construções, atividades e viagens. Essa ascensão explosiva pode provocar a saturação do centro, juntamente à perda da acessibilidade ao mesmo o que, por sua vez, provoca o surgimento de novos centros ou subcentros, igualmente suscetíveis ao mesmo processo sofrido pelo Centro Tradicional. (KNEIB, 2004)

Com o Setor Central de Goiânia não poderia ter sido diferente, essa área também passou pelo seu período de ascensão, saturação e degradação. Discutiremos como se deu esse processo nos tópicos subsequentes deste trabalho.

3.3. De Goiânia à Rua 8

A concepção de Goiânia está intrinsecamente relacionada ao contexto político nacional dos anos 1930. A Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder, inaugurou uma nova fase na política brasileira caracterizada pelos ideais modernizadores e pela política de interiorização conhecida como "Marcha para o Oeste". Em Goiás, essa política encontrou em Pedro Ludovico Teixeira, nomeado interventor federal em 1930, a pessoa ideal para materializar os novos tempos através da construção de uma capital moderna.

A necessidade de transferir a capital estadual decorria das limitações da antiga cidade de Goiás (Vila Boa), fundada no século XVIII durante o ciclo do ouro. Como observa Diniz (2007), a cidade de Goiás simbolizava para Pedro Ludovico "o atraso, a corrupção" e todas as características que deviam ser superadas pelo projeto moder-

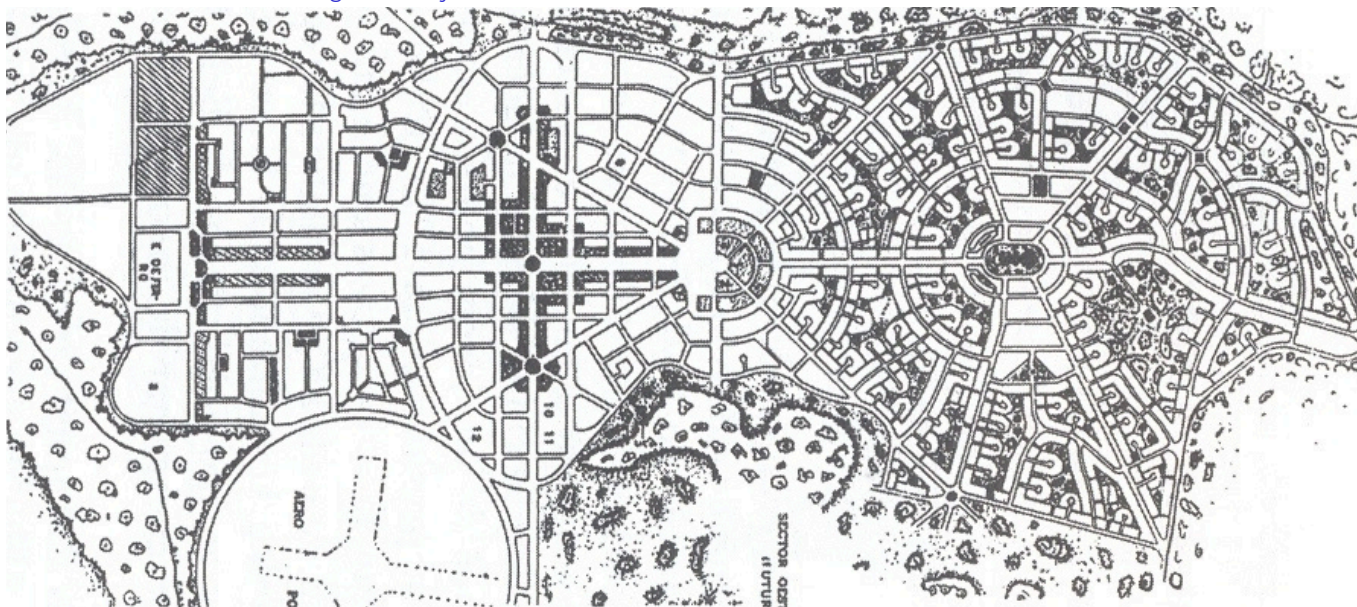
nizador. Para concretizar essa visão, o interventor convidou, em 1932, o arquiteto e urbanista Attílio Corrêa Lima para elaborar o projeto da nova capital.

O projeto de Attílio para Goiânia baseou-se em princípios modernos do urbanismo formal francês, adaptados às condições locais e às aspirações políticas do interventor. Os conceitos principais incluíam:

- **Centralidade Administrativa:** De acordo com a 1ª parte do decreto, o núcleo central deveria ser concebido seguindo o modelo radiocêntrico, com o Centro Cívico como ponto focal do poder político, de onde partiriam as principais avenidas da cidade.

“A concepção de centralidade advinda da organização radiocêntrica remete, nas ‘devidas proporções’, à monumentalidade percebida em Versailles, uma vez que “as três avenidas mais importantes convergem para o centro administrativo, acentuando, assim, a importância deste em relação à cidade” (GRAEFF, E. A., 1985)

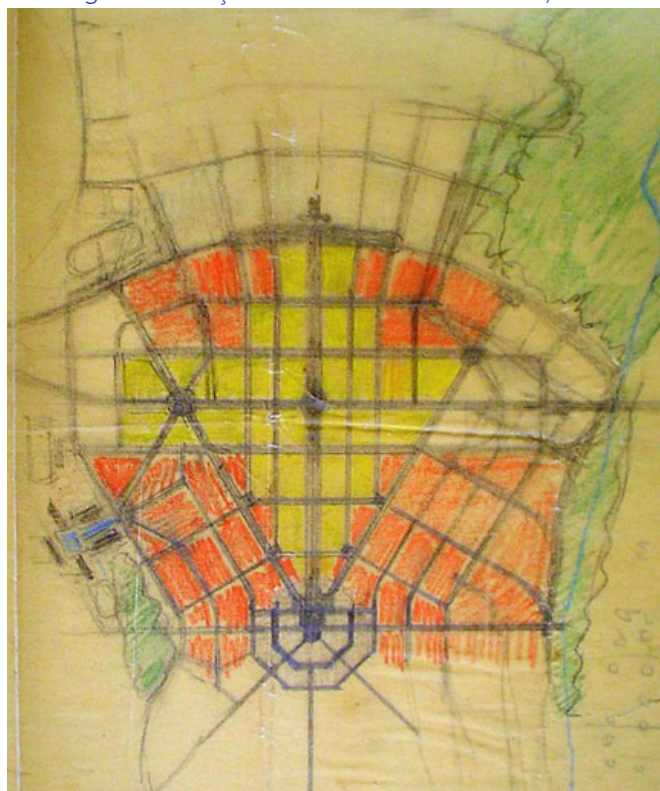
Figura 1: Projeto de Attílio Corrêa Lima – Centralidade Administrativa



Fonte: <https://theurbaneearth.wordpress.com/2009/03/10/attilio-correa-lima-o-inventor-de-goiania/>

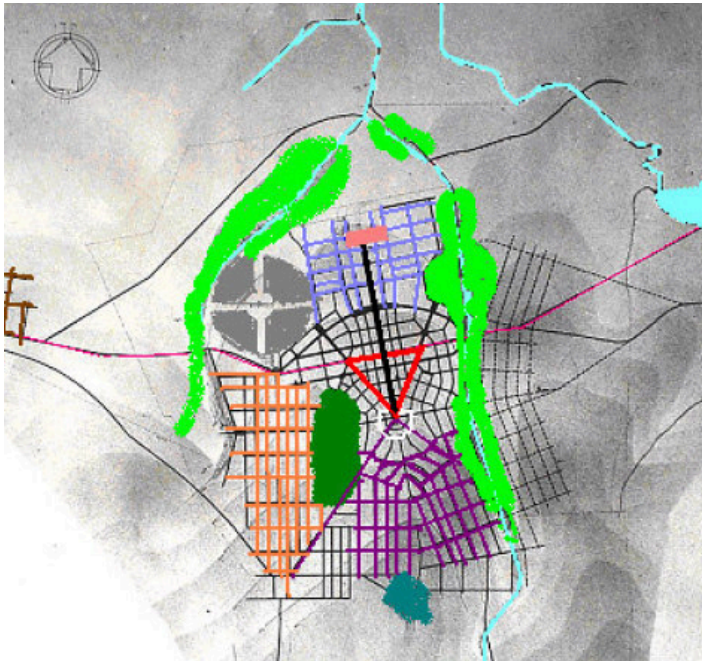
Figura 2: Esboço do Zoneamento de Goiânia, 1932.

- **Zoneamento funcional:** A 3ª parte do decreto dizia respeito ao conceito de zoneamento, assim, seguindo as diretrizes modernas estabelecidas no Congresso de Urbanismo de Paris de 1928, a cidade seria dividida em zonas específicas: administrativa, comercial, residencial, industrial e rural. As áreas pintadas na cor vermelha são as zonas residenciais que Attílio Lima dividiu em duas seções principais: ‘A’ ou Urbana, e ‘B’ ou Suburbana. As áreas pintadas na cor amarela correspondiam à zona comercial.



Fonte: DINIZ, Anamaria. 2007.

Figura 3: Implantação do traçado urbano de Corrêa Lima para Goiânia.

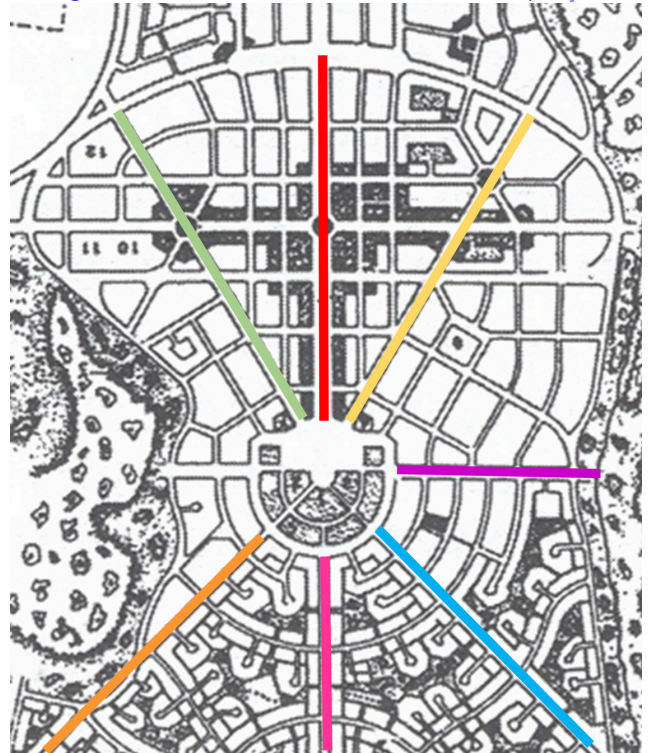


Fonte: DINIZ, Anamaria. 2007.

- **Sistema Hierárquico de Vias:** As principais avenidas – Goiás (em vermelho), Araguaia (em amarelo) e Tocantins (em verde) – bem como as ruas 10 (em roxo), 83 (em azul), 84 (em rosa) e 85 (em laranja), convergiam para o Centro Cívico, estabelecendo um sistema de perspectivas monumentais que remetia aos princípios clássicos adotados em Versalhes, Karlsruhe e Washington.

- **Monumentalidade Simbólica:** O traçado baseava-se em um triângulo equilátero, revelando "influências do urbanismo formal, da escola francesa, coerente com a sua trajetória". O monumento ao Anhanguera foi projetado no centro da Praça Cívica como símbolo do poder.

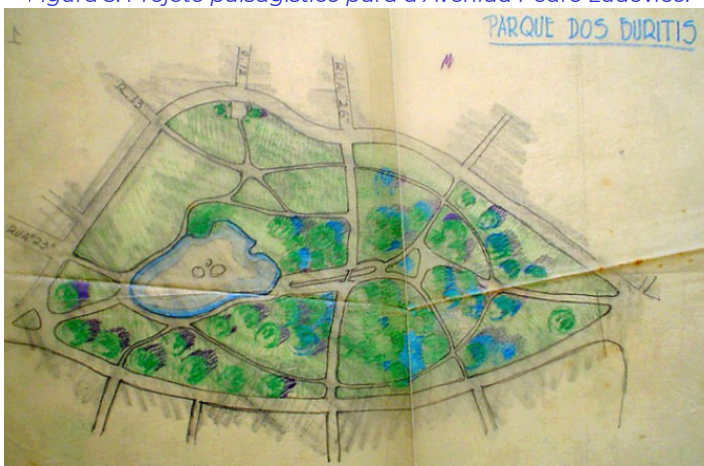
Figura 4: Centro Cívico e as vias de acesso à praça.



Fonte: Intervenção da autora.

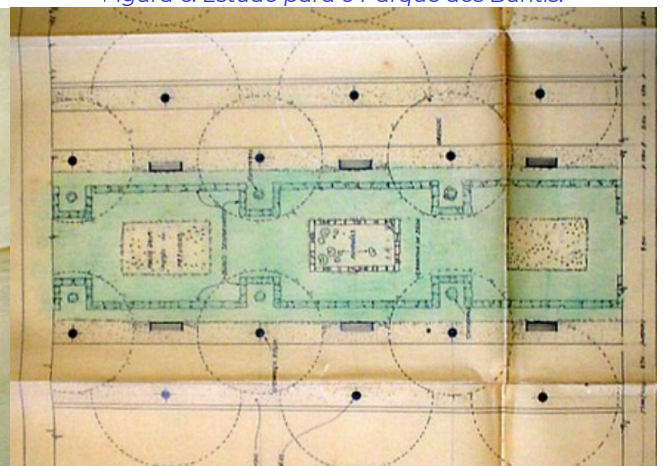
- **Integração com a Paisagem:** O projeto respeitava a topografia local e previa um extenso sistema de parques e áreas verdes, incluindo o Parque dos Buritis, o Parque Botafogo e park-ways ao longo dos córregos.

Figura 5: Projeto paisagístico para a Avenida Pedro Ludovico.



Fonte: DINIZ, Anamaria. 2007.

Figura 6: Estudo para o Parque dos Buritis.



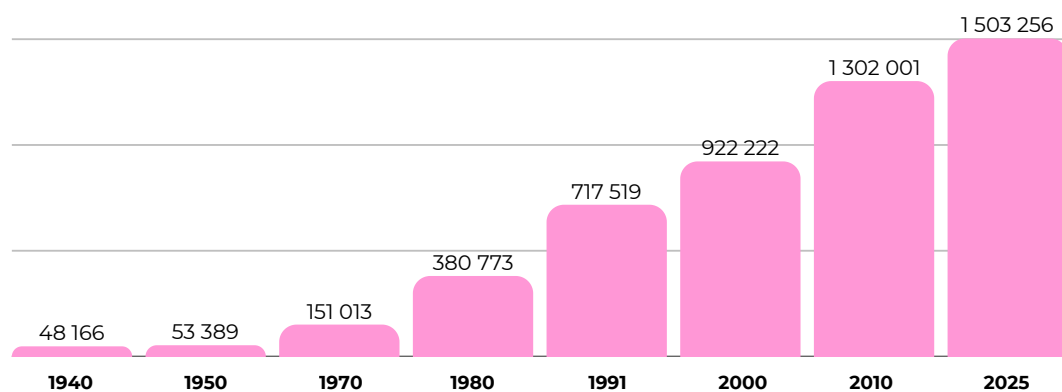
Fonte: DINIZ, Anamaria. 2007.

A paisagem urbana do centro foi marcada pela arquitetura em estilo Art Déco, que caracterizou as primeiras edificações construídas entre as décadas de 1940 e 1950. O Grande Hotel, projetado por Atílio Corrêa Lima, estabeleceu o padrão arquitetônico que seria seguido pelas demais construções, criando uma unidade visual que dialogava harmoniosamente com o projeto urbanístico.

A arquitetura de Corrêa Lima caracterizava-se pela horizontalidade, simetria e monumentalidade. Os edifícios eram projetados com no máximo três pavimentos, criando perspectivas uniformes que convergiam para os pontos focais do centro. Esta linguagem arquitetônica, reconhecida pelo IPHAN em 2003 no tombamento do conjunto urbano, representa "um dos acervos arquitetônicos mais significativos do Brasil".

O período entre 1935 e 1960 marcou a consolidação urbana do Setor Central como coração administrativo, comercial e cultural da cidade. Goiânia foi projetada para uma população inicial de 50 mil habitantes, porém, com o desenvolvimento ocorrido entre os anos 1950 e 1960, essa expectativa foi alterada de forma drástica.

Esse período foi marcado por um intenso ciclo migratório, onde Goiânia passou a assumir um papel de "cidade-fronteira", recebendo pessoas de todas as partes do Brasil em busca de melhores oportunidades de vida. Nesse momento, as atividades comerciais da cidade recebem grande impulso e os negócios e investimentos na área rural ocupam o centro dos interesses.



Fonte: Gráfico feito pela autora com base nos dados do IBGE.

Como mencionado anteriormente, segundo Kneib (2004), a grande maioria dos centros urbanos passam por um processo de ascensão, saturação e degradação. O processo de saturação e degradação do Setor Central se deu entre o período de 1950-1980. O crescimento populacional acelerado fez com que a cidade, planejada para 50 mil habitantes, se expandisse de forma descontrolada, criando novos polos de atração nas regiões periféricas que começaram a competir com o centro tradicional.

Durante este período, novos bairros surgiram de modo desconexo com o centro, como o Setor Bueno e Setor Jardim Goiás, inseridos na malha urbana de forma desarticulada com a área planejada original. Além disso, o centro, que na década de 1950 era predominantemente horizontal e concentrava a classe de poder aquisitivo mais elevado, começou a se verticalizar pelas classes alta e média, enquanto os bairros periféricos adjacentes se expandiam pela cidade.

O surgimento dos primeiros conjuntos habitacionais oriundos da política do Banco Nacional de Habitação (BNH) no final dos anos 1960 foi um fator determinante para adescentralização. Estes conjuntos foram localizados nas bordas

da cidade e até mesmo fora do perímetro urbano, essa localização periférica destes conjuntos ajudou ainda mais a descentralização, pois criou vazios urbanos entre as moradias populares e o Setor Central. A longa distância entre o centro e essas novas áreas fez com que muitos residentes deixassem de frequentar o centro de Goiânia, iniciando um processo de esvaziamento populacional da área central.

A década de 1970 marcou o início efetivo do abandono do centro pelas classes de média e alta renda. Este processo ocorreu devido a múltiplos fatores interrelacionados:

- **Obsolescência das Edificações:** As mudanças no estilo dos mobiliários e na composição familiar tornaram obsoleta grande parte das edificações do centro. O advento do automóvel criou a necessidade de garagens nas edificações, algo que os edifícios antigos do centro não podiam oferecer. Como resultado, muitas pessoas preferiram morar em habitações modernas nos novos centros surgidos.
- **Expansão do Centro Tradicional:** À medida que o centro principal se expandia, esbarrava no anel residencial que o circundava. Isso provocou o deslocamento dos habitantes para novas áreas residenciais, resultando na desvalorização desse anel que passou a ser ocupado por "serviços inferiores" – pontos de prostituição, venda de drogas, estacionamentos e entre outros. (VILARINHO, 2018)
- **Migração Empresarial:** A necessidade de expansão de certas empresas entrou em colisão com outros usos presentes no centro. Muitas empresas, especialmente aquelas voltadas ao atendimento da classe alta, abandonaram suas localizações centrais em busca de instalações mais atraentes nos bairros residenciais ou shopping centers.

A Rua 8, localizada no Setor Central de Goiânia, fazia parte do traçado original da cidade planejada por Corrêa Lima. Conforme pesquisa realizada, "A Rua do Lazer, também denominada Rua 08, está localizada na região Central da cidade de Goiânia, conhecida também como centro ou núcleo pioneiro da cidade. Essa área foi a primeira a existir e a ser habitada em Goiânia" (OLIVEIRA; MORAIS; SILVA, 2021, p. 2). A via, situada entre a Avenida Anhanguera e a Rua 3, nasceu como uma rua convencional, aberta ao trânsito de veículos e integrada ao sistema viário urbano.

A transformação significativa da Rua 8 em espaço exclusivo para pedestres ocorreu em 24 de outubro de 1975. Conforme documentação histórica: "Tal rua foi inaugurada, segundo matéria publicada no jornal O Popular, no dia 24 de outubro de 1975. Dois anos mais tarde, em 1977, em um período de festa e euforia provocado pelo aniversário da cidade, passou a ser chamada de Rua do Lazer, nome que ainda permanece" (OLIVEIRA; MORAIS; SILVA, 2021, p. 3).

Segundo o Jornal O Popular, em número obtido durante pesquisa documental realizada no Arquivo Histórico Estadual de Goiás, a prefeitura de Goiânia, nessa época, estava realizando diversos projetos, dentre os quais destaca-se os pertencentes à área do lazer. Assim, na administração de Francisco de Castro, diversas praças públicas foram construídas e uma delas foi a Praça do Lazer, na Avenida Anhanguera, período em que a rua foi batizada e ganhou o apelido carinhoso de Rua do Lazer

Durante décadas, a Rua do Lazer consolidou-se como um importante ponto de encontro social. Conforme relatos coletados em pesquisa de história oral, a rua era percebida pelos seus frequentadores como um espaço de significado especial. comerciante com 39 anos de vivência descreveu o movimento característico da época:

A Rua do Lazer de primeiro tinha movimento, era uma rua para passear mesmo, tinha o cinema "Cine Casablanca", tinha os bares. De primeiro os shoppings [...] eram aqui. Recordação eu tenho do trabalho, do movimento, que era a mesma coisa que o shopping na época, [...] aqui era um movimento danado, tinha umas lojas boas, tinha a Tube, tinha a Magdal, tinha a Sacha. A Magdal está agora lá na Rua 136. [...] isso aqui era o shopping de Goiânia nessa década de 1980. Acabou até ficar fraquinho assim, por causa dos shoppings, o cinema tem muito tempo que acabou. (OLIVEIRA; MORAIS; SILVA, 2021, p. 8).

A Rua do Lazer abrigava estabelecimentos comerciais emblemáticos. Conforme narrativa de comerciante entrevistado: "Aqui na esquina era o restaurante Bolonha, um dos bons aqui de Goiânia. Em frente aqui tinha o bar Samburá e a rua ela tinha uma movimentação muito grande. Havia aqui o lanche americano que fez um sucesso violento, o cine Casablanca, restaurante Acapulco" (OLIVEIRA; MORAIS; SILVA, 2021, p. 11).

Para a comunidade comerciante, o espaço adquiriu profunda significância pessoal. Um comerciante relata: "Eu criei os meus filhos trabalhando aqui, tem 40 anos praticamente, 39 anos que eu estou aqui, fiz em julho do ano passado, onde eu adquirir alguma coisa foi aqui" (OLIVEIRA; MORAIS; SILVA, 2021, p. 9).

A partir dos anos 1980 e intensificando-se nos anos 1990, o Centro de Goiânia passou por um processo de transformação econômica significativa. Conforme análise historiográfica:

Com todo o crescimento territorial e populacional da cidade, a partir dos anos 1980, principalmente nos anos 1990, o seu Centro começa a sentir os efeitos da decadência e deterioração com o aparecimento de novos subcentros. Registrou-se a saída de boa parte de população, comércio, prestação de serviços, profissionais liberais e parte da administração pública do Centro da Cidade (SILVA, 2006, p. 13).

Durante este período, a classe média alta migrou definitivamente do centro para novas áreas da cidade, formando o que se denominou "centro expandido" ou "centro novo". A centralidade passou a ser exercida pelos bairros Oeste, Bueno e Marista, que concentravam atividades comerciais e serviços mais sofisticados.

Um dos fatores mais relevantes no processo de descentralização foi a instalação dos Shopping Centers, uma vez que propiciou a criação de uma nova centralidade. Segundo Vilarinho (2018):

Essa centralidade atraiu pessoas para morar e trabalhar. Portanto, esse processo afetou diretamente o centro de Goiânia a medida que os Shopping Centers foram se instalando na malha urbana, pois muitos migraram do centro e foram morar e trabalhar nessas novas localidades. (VILARINHO, 2018, p. 56)

Figura 7: Vista aérea de 1980-81, com o Shopping Flamboyant em construção.



Fonte: Seplanh, Prefeitura de Goiânia, 2017.

Figura 8: Cruzamentos Av. 85 com Av. T-63 na década de 90.



Fonte: Facebook Goiânia Antiga.

Outros fatores que colaboraram para a decadência do setor foi o desenvolvimento dos meios de transporte (ônibus, caminhões e automóveis) que tornou a locomoção pelo espaço urbano mais flexível, permitindo que as pessoas morassem longe do centro sem grandes problemas para acessar serviços e comércios. Além disso, a predominância do uso comercial nas áreas centrais, tomadas pelo comércio, tornou-se motivo para a formação de vazios urbanos e imóveis subutilizados, especialmente no período noturno, quando o centro se transformava em uma "zona obsoleta" com pouco fluxo de pessoas.

O resultado desse processo foi a configuração espacial atual do centro de Goiânia: um local onde encontra-se um uso misto de residências, comércios e serviços, porém com muitas edificações abandonadas ou ocupadas por pessoas carentes de moradia. Como documenta Corrêa (2010), o centro não se configura como espaço de alta densidade e verticalização, mas sim como área onde há concentração de equipamentos administrativos e históricos, com muitos fluxos durante o dia e pouco movimento noturno.

Figura 9: Antes e depois da Av. Tocantins.



Fonte: Indicada na imagem. Disponível em: Fotos exibem o "antes e depois" do desenvolvimento urbano de Goiânia. Goiás. G1. Globo.

Figura 10: Antes e depois da Av. Anhangüera.



Fonte: Indicada na imagem. Disponível em: Fotos exibem o "antes e depois" do desenvolvimento urbano de Goiânia. Goiás. G1. Globo.

Figura 11: Edificação disponível para aluguel na Rua 8, Setor Central.



Fonte: Autora (2025).

Figura 12: Edificação disponível para aluguel na Rua 8, Setor Central.



Fonte: Autora (2025).

Figura 13: Edificação disponível para aluguel na Rua 8, Setor Central.



Fonte: Autora (2025).

3.4. Planos para revitalização do Centro de Goiânia

O processo de descentralização, que se iniciou nos anos 1950 e se consolidou definitivamente na década de 1980, criou as condições que justificariam, posteriormente, as múltiplas tentativas de revitalização do centro que marcaram as décadas seguintes, evidenciando a necessidade de recuperar a vitalidade perdida pelo núcleo original da cidade planejada. Discutiremos abaixo cada um dos projetos para recuperação da área.

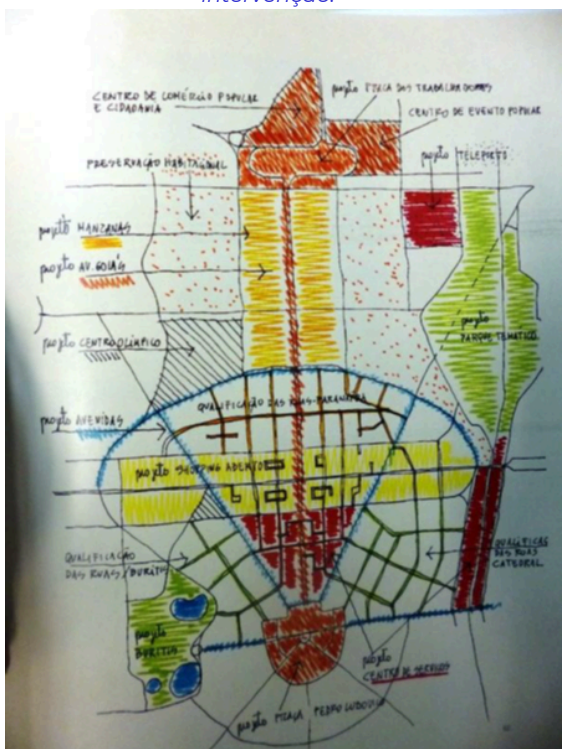
a. Plano de Revitalização do Centro – Goiânia 21 (1997–2000)

- **Período:** 1998-2001 (Gestão Nion Albernaz)
- **Elaboração:** GRUPOQUATRO - Arquiteto Luiz Fernando Cruvinel Teixeira
- **Número de Propostas:** 21 intervenções estruturantes
- **Consultoria Internacional:** Profissionais catalães especializados
- **Objetivo Central:** Resgatar a memória e centralidade de Goiânia, devolver o centro às pessoas e reestabelecer densidade demográfica

O Plano Goiânia 21 – Operação Centro (1998-2001) foi concebido para reverter o esvaziamento e a degradação do Setor Central, cuja vitalidade foi enfraquecida pelo crescimento desordenado e pela transferência de atividades para novas centralidades. A motivação central surgiu do diagnóstico de que o centro perdera relevância social e econômica, apresentando espaços públicos deteriorados, baixo fluxo noturno e imagem negativa junto à população (PEREIRA; BARBOSA; REZENDE, 2016).

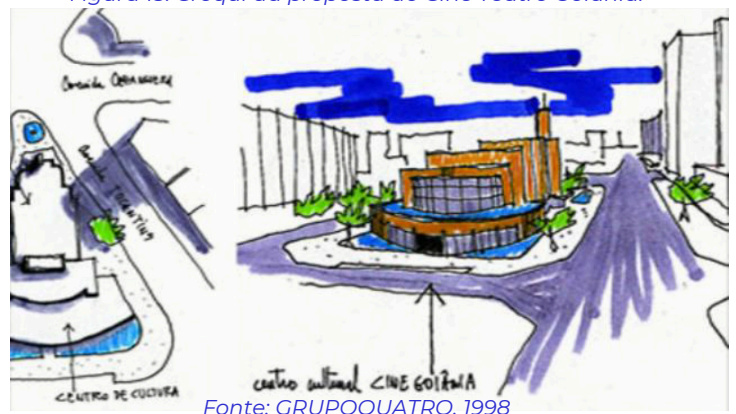
O plano estruturou-se em torno de 21 intervenções em cinco eixos principais: (1) melhoria dos espaços públicos e paisagismo; (2) recuperação de edifícios históricos em Art Déco; (3) estímulo à permanência noturna com equipamentos culturais; (4) incentivos ao comércio de rua e serviços urbanos; (5) ordenamento do uso do solo com diretrizes de zoneamento misto (PEREIRA; BARBOSA; REZENDE, 2016). Entre as propostas destacavam-se a reforma da Praça Cívica, a criação do “Shopping Aberto” na Avenida Goiás e a transformação do Cine-Teatro Goiânia em centro cultural.

Figura 14: Esboço das áreas estratégicas de intervenção.



Fonte: GRUPOQUATRO, 1998

Figura 15: Croqui da proposta do Cine Teatro Goiânia.



Fonte: GRUPOQUATRO, 1998

Figura 16: Fotografia do projeto executado, denominado Vila Cultural Cora Coralina, vista da calçada do cruzamento da Rua 23 com a Rua 3.



Fonte: Mayara Rezende, 2016.

Figura 17: Croqui da proposta do Centro Olímpico.



Fonte: GRUPOQUATRO, 1998

Figura 19: Fotografia do projeto executado, denominado Centro de Excelência do Esporte.



Fonte: Mayara Rezende, 2016.

Figura 18: Croqui da proposta na Praça Cívica.



Fonte: GRUPOQUATRO, 1998

Figura 20: Fotografia do projeto executado, Praça Cívica.



Fonte: Mayara Rezende, 2016.

Conclui-se que o Goiânia 21 falhou por criar intervenções pontuais, isoladas e desconectadas do todo urbano, sem prever instrumentos de manutenção e sem alinhar ações de revitalização física a programas de dinamização socioeconômica. A experiência, porém, forneceu lições sobre a necessidade de planos integrados, continuidade política e articulação de incentivos públicos e privados para requalificar centros urbanos de forma sustentável.

b. Projeto Cara Limpa – Retirada dos ambulantes (2003)

Em 2003, comerciantes e moradores do Centro, organizados pela Associação Centro Vivo, "reivindicaram ações de intervenção urbana que resgatasse a dignidade das áreas públicas, ocupadas principalmente pelos ambulantes" (SILVA, 2006, p. 175). Em resposta, a prefeitura retirou os ambulantes e os transferiu para um mercado popular construído especificamente para esse fim (SILVA, 2006).

Figura 21: Mercado aberto para abrigo de ambulantes, Av. Paranaíba.



Fonte: Letícia Coqueiro, Jornal A Redação.

A prefeitura, então, retirou esses ambulantes e os transferiu para um mercado popular construído para tal fim, também no Centro da cidade. Eles utilizavam o calçamento do canteiro central da Avenida Goiás; após a sua saída, foi realizado um projeto de remodelação para o canteiro central da avenida, que contemplou nova iluminação, novo mobiliário urbano e um bom projeto paisagístico, os quais foram logo executados. (SILVA, 2006, p. 175)

Após a saída dos ambulantes, "foi realizado um projeto de remodelação para o canteiro central da avenida, que contemplou nova iluminação, novo mobiliário urbano e um bom projeto paisagístico, os quais foram logo executados" (SILVA, 2006, p. 175-176). Porém, essa ação isolada não conseguiu resolver os problemas estruturais do Centro, mantendo a área esvaziada e sem atratividade para novos investimentos.

c. Tombamento do traçado urbano (2002–2003)

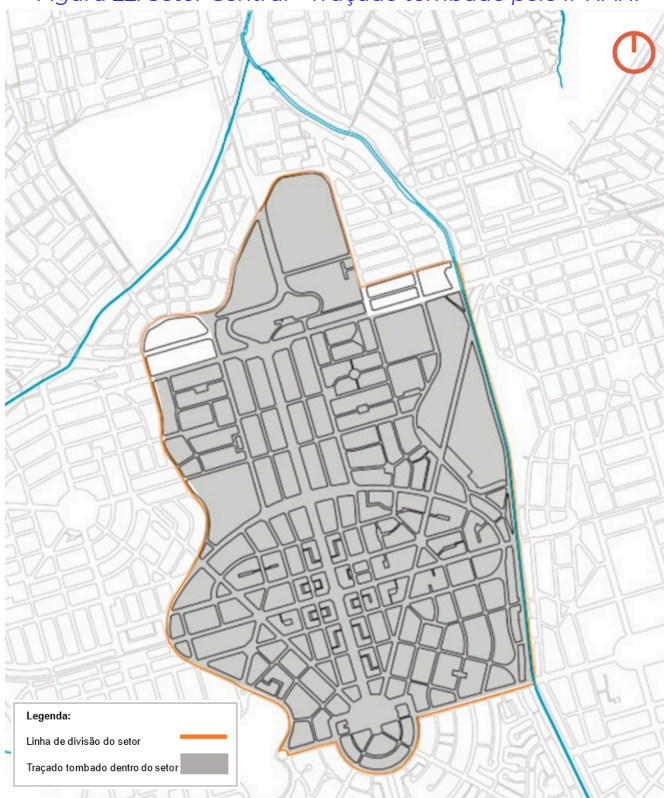
Em 2002, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) realizou o tombamento de diversas edificações, monumentos e do traçado urbano do núcleo pioneiro de Goiânia, incluindo o Setor Central e o bairro de Campinas (SILVA, 2006). Segundo registro:

No ano de 2002, o Centro e também o bairro de Campinas da cidade tornaram-se um pouco mais protegidos, com o tombamento pelo IPHAN de diversas edificações, monumentos e traçado urbano do núcleo pioneiro da cidade, trabalhando, assim, para a preservação do patrimônio arquitetônico, urbanístico e da memória sociocultural da cidade de Goiânia (SILVA, 2006, p. 153).

Ironicamente, criou limitações que dificultaram posteriores projetos de revitalização, pois muitas intervenções necessárias para dinamizar o centro passaram a exigir aprovação prévia do IPHAN, gerando lentidão nos processos. Além disso, o tombamento não impediu a destruição continuada do patrimônio não protegido.

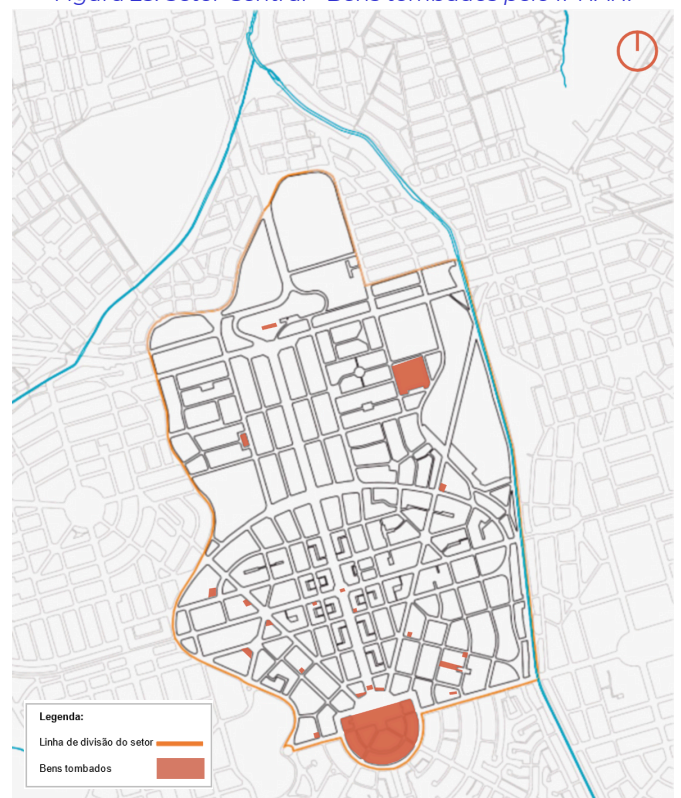
Atualmente, se faz necessária a proteção e preservação desse patrimônio, principalmente arquitetônico, que está sendo brutalmente destruído, desfigurado, sem que haja por parte de algum órgão competente qualquer tipo de manifestação ou ação que impeça tais abusos contra esses importantes patrimônios da cidade (SILVA, 2006, p. 182).

Figura 22: Setor Central - Traçado tombado pelo IPHAN.



Fonte: SALVIANO, 2022.

Figura 23: Setor Central - Bens tombados pelo IPHAN.



Fonte: SALVIANO, 2022.

Figura 24: Pichação do patrimônio - Grande Hotel.



Fonte: Autora, 2023.

Figura 25: Pichação do patrimônio - Vielas na Rua 8.



Fonte: Autora, 2025.

Figura 26: Pichação do patrimônio - Rua do Lazer.



Fonte: Autora, 2025.

d. Criação da Associação Centro Vivo (2004)

A Associação Centro Vivo foi criada em 2004 como entidade representativa de comerciantes e moradores do Setor Central, buscando mobilização social para pressionar o poder público por melhorias urbanas (SILVA, 2006).

Embora não seja um projeto de intervenção física propriamente dito, a associação foi fundamental para articular demandas e pressionar por ações concretas, como a já mencionada retirada dos ambulantes em 2003 e as posteriores reivindicações por revitalização.

e. Projeto Cara Limpa – Fachadas (2008)

O Projeto Cara Limpa, desenvolvido em 2004 pela arquiteta e urbanista Anamaria Diniz, foi concebido

(...) para a Prefeitura Municipal de Goiânia, tendo como objetivo a requalificação do Centro da cidade, através do resgate dos conjuntos arquitetônicos que têm as suas fachadas encobertas por grandes placas de propaganda e letreiros, assim como a melhoria de equipamentos urbanos, padronização das calçadas e incentivos fiscais que viabilizam a execução desse projeto (SILVA, 2006, p. 174).

A área escolhida para implantação foi "a Avenida Goiás, no trecho entre a Praça Cívica e a Praça do Bandeirante, contendo oito quadras" (SILVA, 2006, p. 174). O projeto previa intervenções em 49 edifícios dessa área piloto, com "aplicação de cores, onde detalhes e elementos arquitetônicos são valorizados, criando assim um conjunto harmonioso" (SILVA, 2006, p. 177).

Figura 27: Foto da perspectiva do Projeto Cara Limpa, de edifícios da Avenida Goiás.



Fonte: Projeto Cara Limpa, 2006.

Figura 28: Foto da perspectiva do Projeto Cara Limpa de edifícios da Av. Goiás.



Fonte: Projeto Cara Limpa, 2006.

Esse projeto ainda não foi colocado totalmente em prática, apenas três prédios de 49 previstos para essa etapa da Avenida Goiás foram requalificados, sendo dois prédios particulares, o da Brasil Telecom e o do Banco Panamericano, e um do poder público, o edifício do antigo Grande Hotel (SILVA, 2006, p. 179).

Embora tecnicamente bem elaborado e premiado pelo CREA-GO com o Prêmio CREA Goiás de Meio Ambiente 2005 (SILVA, 2006, p. 178), o projeto propunha uma intervenção superficial (apenas estética) sem resolver os problemas estruturais, falhando em propor políticas integradas de reocupação e valorização dos edifícios e também em combinar ações de segurança, mobilidade e comércio.

f. Revitalização da Praça Cívica (2015)

A Praça Cívica, localizada no Setor Central de Goiânia, passou por um processo de revitalização iniciado em 2015 como parte do Projeto Goiânia 21 - Operação Centro, concebido originalmente em 1998. Realizada pelo escritório de arquitetura GRUPOQUATRO e a Prefeitura Municipal de Goiânia: "Seu objetivo, segundo seus realizadores, era retomar o espaço de convivência, criando um espaço cultural e lazer no centro da cidade" (SILVA; TEIXEIRA, 2021, p. 7).

Inaugurado em 2016, o novo espaço apresentou transformações significativas:

(...) revitalização do piso, de modo a facilitar o acesso para os pedestres e impedir o trânsito de veículos; restauração de elementos históricos, como as fontes luminosas; realocação do monumento às Três Raças, elevando-o a um nível superior ao passeio; reforma de quiosques existentes; instalação de novos bancos e reforma dos existentes; instalação de novos elementos de iluminação, entre outras mudanças (SILVA; TEIXEIRA, 2021, p. 6).

Figura 29: Proposta de revitalização da Praça Cívica, 2015.



Fonte: Prefeitura Municipal de Goiânia, 2015.

O projeto faltou com a articulação com o entorno, teve um foco excessivo no patrimônio e no paisagismo e tirou o foco do entorno. Segundo artigos de estudos sobre as intervenções no setor: "O projeto de requalificação terminou não acrescentando espaços para ancorar a permanência, sendo uma intervenção estritamente paisagística." (MÁXIMO; BARBOSA; REZENDE, 2016, p. 212)

Figura 30: Croqui da proposta na Praça Cívica.



Fonte: GRUPOQUATRO, 1998

Figura 31: Fotografia do projeto executado, Praça Cívica.



Fonte: Mayara Rezende, 2016.

g. Vem pro Centro (2018)

Em 2018, a Prefeitura de Goiânia lançou o programa "Vem Pro Centro" como iniciativa de revitalização e reativação cultural do Setor Central. O programa caracterizava-se como ação programática voltada para ocupação cultural do espaço público, diferenciando-se das intervenções puramente físicas realizadas anteriormente.

O programa tinha como estratégia central a reativação do Centro através de ocupação cultural do espaço público, promovendo a circulação de pessoas e gerando dinamismo comercial. A programação era diversificada, incluindo feiras temáticas como a Feira Cora Coralina, apresentações musicais, oficinas e atividades de saúde e lazer, distribuídas em diferentes pontos da região central, abarcando ruas, praças, bares e mercados como espaços de intervenção.

Apesar das atividades culturais ofertadas, o programa não conseguiu garantir resultados duráveis e sustentáveis. O Vem Pro Centro gerou movimentação temporária, sem investimentos complementares em infraestrutura e moradia no Centro, o impacto limitou-se a fins de semana e eventos específicos, não conseguindo reverter a dinâmica de esvaziamento do Setor Central nos períodos regulares.

h. Programa Reviva Goiânia — Reforma da Rua do Lazer (2019)

A revitalização da Rua do Lazer (Rua 8) foi iniciada em abril de 2019 como parte do Projeto Reviva Goiânia, coordenado pela Secretaria Municipal de Planejamento e Habitação (Seplanh) em parceria com empresa privada através de permuta junto ao Projeto Diferenciado de Urbanização (PDU).

As melhorias implementadas incluíram novo calçamento com piso tátil, iluminação reforçada, bancos de concreto, mesas com assentos, lixeiras, paisagismo com mais de 300 metros quadrados de grama, e revitalização dos becos laterais. Conforme noticiário da época:

O espaço, exclusivo para pedestre, ganhou novo calçamento, iluminação e becos decorados com grafites. Novos bancos de concreto e mesas foram instalados no espaço. As obras também incluíram melhorias no sistema de drenagem da água da chuva e prevenção de alagamentos (G1 GOIÁS, 2019).

Figura 32: Rua do Lazer é entregue após revitalização, em Goiânia.



Fonte: Reprodução/TV Anhanguera.

Figura 33: Depredação da Rua do Lazer em 2023.



Fonte: Autora, 2023.

Figura 34: Depredação da Rua do Lazer em 2023.



Fonte: Autora, 2023.

Em 2023, a situação era descrita assim: "A depredação dos espaços também é visível, fazendo com que a revitalização realizada há quatro anos pelo então prefeito Iris Rezende (MDB) não passasse de uma lembrança" (JORNAL OPÇÃO, 2023). A falta de políticas integradas de reocupação habitacional, segurança pública continuada, e programação cultural permanente impossibilitou a sustentabilidade da revitalização, replicando o padrão de insucesso de intervenções anteriores no Setor Central de Goiânia.

j. Lei de Fachadas Limpas (Lei Complementar nº 326/2020)

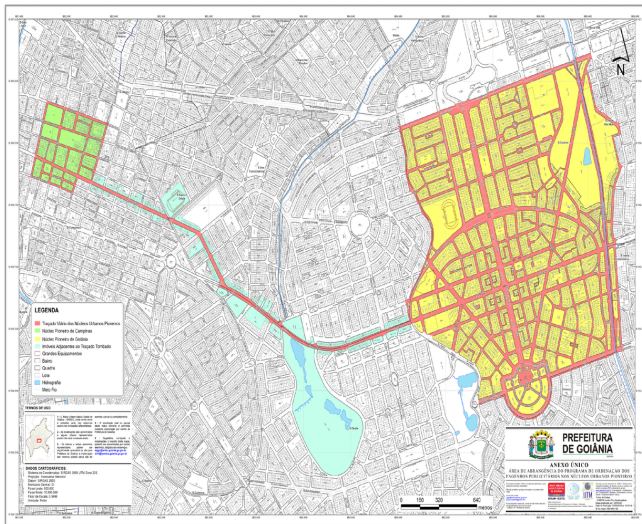
A revitalização da Rua do Lazer (Rua 8) foi iniciada em abril de 2019 como parte do PEm 3 de janeiro de 2020, o prefeito Iris Rezende sancionou a Lei Complementar nº 326, instituindo o Programa de Ordenação dos Engenheiros Publicitários nos Núcleos Urbanos Pioneiros de Goiânia. Conforme texto legal, a lei tinha por finalidade:

combate à poluição visual e à degradação ambiental; proteção, preservação e recuperação do patrimônio cultural, histórico, artístico, paisagístico, bem como da memória cultural e histórica; segurança na utilização e permanência nos espaços públicos; e compatibilização das modalidades de engenheiros publicitários com os locais onde possam ser veiculados (GOIÂNIA, 2020, art. 2º).

A lei estabelecia diretrizes para padronização de placas publicitárias, limitando sua dimensão a 0,15 m² a cada metro de comprimento da testada do imóvel, e determinava que "todos os imóveis situados no polígono formado pelas Ruas 200-A e 200, no Setor Leste Vila Nova, Rua 233, no Setor Leste Universitário, Ruas 10, 82, Dona Gercina Borges Teixeira, Alameda dos Buritis, Avenidas Paranaíba, Oeste e Independência, no Setor Central (...) deverão ter suas fachadas e placas publicitárias adequadas à nova legislação" (DIÁRIO DE GOIÁS, 2020).

Apesar do marco legal importante, a lei enfrentou grandes limitações de aplicação. Dois anos e cinco meses após a sanção, "imóveis nos setores Central e Campinas de Goiânia continuam com fachadas desordenadas e cobertos por placas de propaganda" (O POPULAR, 2022). A falta de fiscalização rigorosa, ausência de incentivos fiscais para proprietários aderirem voluntariamente, e resistência do comércio local comprometeram a implementação.

Figura 35: Área de abrangência do Programa de Ordenação dos Engenheiros Publicitários nos Núcleos Urbanos Pioneiros de Goiânia.



Fonte: Prefeitura Municipal de Goiânia, 2020.

Figura 36: Fachadas na Avenida Anhanguera, Goiânia.



Fonte: Autora, 2023.

Além dos projetos de intervenção citados neste capítulo, temos, também, o Projeto Centraliza (2023-2024) que será citado no próximo capítulo e servirá como estudo de caso para este trabalho.

4. Metodologia:

Este trabalho adota como abordagem metodológica uma combinação de pesquisa quantitativa e análise documental, com base na teoria do urbanismo e nas diretrizes que definem os processos de requalificação urbana. A escolha dessa abordagem visa compreender de forma ampla e crítica as dinâmicas que envolvem a degradação do Setor Central de Goiânia, com ênfase na Rua 8, e propor diretrizes adequadas para sua requalificação.

Inicialmente, a pesquisa bibliográfica foi realizada através de consulta a dissertações, artigos científicos, livros e periódicos especializados em urbanismo, revitalização urbana e patrimônio histórico. A pesquisa documental incluiu análise de documentos legais, projetos de revitalização, relatórios municipais e matérias jornalísticas que registram a evolução histórica e as intervenções no Centro. Esta etapa foi fundamental para compreender as possibilidades de intervenção nas áreas centrais e os impactos sociais, culturais e econômicos que podem advir dessas ações.

Posteriormente, realizou-se o levantamento de campo que compreendeu observações diretas na Rua 8/Rua do Lazer e no Setor Central de Goiânia, permitindo identificar características físicas, usos do espaço, fluxos de pessoas, condições de infraestrutura e sinais de degradação ou revitalização. Foram realizadas fotografias e registros visuais que documentam o estado atual da rua e suas transformações.

Como parte da pesquisa empírica, foram realizadas entrevistas com usuários locais, com o objetivo de entender as demandas reais dos frequentadores e trabalhadores do Setor Central. Essas escutas buscaram evidenciar percepções, memórias e expectativas relacionadas à Rua 8, à Rua do Lazer e aos demais espaços adjacentes.

Além disso, foram estudados três estudos de caso de intervenções urbanas que serviram como base de apoio para o projeto a ser desenvolvido neste trabalho.

Com base nas informações coletadas, elaborou-se um quadro de potencialidades, fragilidades, diretrizes e propostas de intervenção para a área em estudo. A partir desse quadro, foram desenvolvidas propostas projetuais com o auxílio de desenhos, croquis e mapas, com foco em mobilidade, patrimônio, cultura e uso social dos espaços públicos.

5. Estudos de caso:

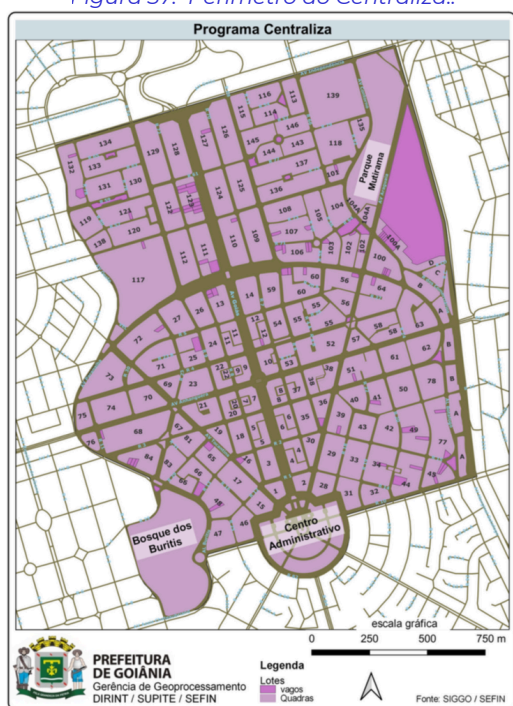
5.1. Centraliza – Centro vivo para todos – Programa de requalificação do Centro de Goiânia

- **Base legal:** Lei Complementar nº 19, de 2023
- **Data de aprovação:** maio de 2024
- **Gestão responsável:** Prefeitura Municipal de Goiânia, sob o comando do Prefeito Rogério Cruz

O Programa Centraliza surge no contexto de uma longa trajetória de intervenções falhas no centro de Goiânia. Os projetos anteriores não foram suficientes para combater o esvaziamento e a dificultosa dinâmica urbana, desta maneira, o programa propõe um modelo ampliado e multidimensional de revitalização urbana.

A prefeitura de Goiânia, através do GT Fomento Econômico, formado pela SEFIN, SEPLANH e SEDEC, iniciou um trabalho amplo de diagnóstico e elaboração de propostas em busca de soluções para a região, partindo da premissa: “O que afasta a população do Centro de Goiânia?” (CENTRALIZA, 2024, slide 6-7).

Figura 37: Perímetro do Centraliza..



Fonte: Prefeitura de Goiânia.

O programa fundamenta-se na ideia de que o centro deve ser um território multifuncional, onde moradia, cultura, economia e espaços públicos convivem, ampliando a diversidade urbana e social. Para isso, o Centraliza é estruturado em seis eixos temáticos:

- **Segurança:** Criação de postos permanentes da Guarda Municipal, intensificação de ações itinerantes e implantação de sistemas de inteligência como videomonitoramento e iluminação estratégica.
- **Mobilidade:** Novo conceito de área azul, revitalização de ciclovias, priorização de pedestres e incentivo a estacionamentos privados para facilitar circulação.
- **Lazer, bem-estar e turismo:** Feiras temáticas, rota turística específica, sinalização de atrativos e ativação do teleférico do Parque Mutirama.
- **Cultura, preservação e esporte:** Revitalização de edifícios Art Déco com ocupação cultural, requalificação de mercados municipais, calendário de atividades culturais e atividades esportivas aos domingos.
- **Infraestrutura:** Recapeamento asfáltico, revitalização de pontos de ônibus, substituição do parque luminotécnico com iluminação inteligente e remoção de fiação irregular.
- **Meio Ambiente:** Revitalização do Bosque dos Buritis, arborização de ruas, becos e praças para combater o calor e melhorar permeabilidade do solo.
- **Habitação e Atividades Econômicas:** Projetos catalizadores interligados aos eixos temáticos, aumento da fiscalização, criação de departamentos específicos para o Centro, benefícios fiscais para novos negócios e parcerias de crédito.

No campo urbanístico, está prevista a pedestrianização de trechos da Avenida Anhanguera, o que pode ser uma boa medida para estimular o uso das calçadas no centro, fechamento da Avenida Goiás aos domingos, implantação de quiosques licenciados, regulamentação dos ambulantes, e o programa "Adote uma Viela" para revitalização das ruas secundárias. Contudo, esse programa pode abrir espaço para a privatização de áreas antes públicas e com traçado tombado, oferecendo a oportunidade de revitalização de espaços historicamente degradados através de gestão compartilhada entre poder público e iniciativa privada, potencializando a preservação do patrimônio urbano por meio de usos contemporâneos.

Figura 38: Pedestrianização da Avenida Anhanguera.



Fonte: Prefeitura de Goiânia.

Figura 39: Pedestrianização da Avenida Anhanguera.



Fonte: Prefeitura de Goiânia.

Figura 40: Imagem Pedestrianização da Av. Anhanguera.



Fonte: Prefeitura de Goiânia.

Figura 41: Imagem "Adote uma viela" - Beco da Codorna.



Fonte: Prefeitura de Goiânia.

Figura 42: Imagem "Adote uma viela" - Beco da Codorna.



Fonte: Prefeitura de Goiânia.

Figura 43: Imagem "Adote uma viela" - Beco da Codorna.



Fonte: Prefeitura de Goiânia.

5.2. Huellas Artes – Santiago

- **Localização:** Estação Bellas Artes, Merced esquina Mosquito, Santiago de Chile.
- **Área:** 744m²
- **Ano:** 2014
- **Arquitetos:** 100architects
- **Fotografias:** Ines Subtil + 100architects

O Huellas Artes buscou revitalizar um espaço externo subutilizado situado acima da estação de metrô Bellas Artes, no centro de Santiago. A ideia principal era de revitalizar o local como um estimulante para atividades relacionadas ao constante fluxo de pessoas atraídas pela estação. O objetivo era estabelecer diversas funções e estímulos às relações sociais, demonstrando as possibilidades de transformação espacial por meio de cores, palavras, fotografias e linhas.

A partir da utilização de fita de tecido revestida com polietileno em diversas cores e tamanhos, os arquitetos adicionaram ao local elementos como uma parede para “selfies”, setas direcionais, um ponto de encontro, um espaço para artistas, bancos e outros usos como forma de promover a interação social e o engajamento espontâneo, criando um ambiente vibrante e dinâmico.

Figura 44: Intervenção urbana em Huellas Artes.



Fonte: 100architects + Ines Subtil.

Figura 45: Intervenção urbana em Huellas Artes.



Fonte: 100architects.

Este único material atuou de maneira extremamente importante, uma vez que trouxe uma experiência completamente diferente para o local ao mesmo tempo em que não alterou sua estrutura espacial, apenas o realçou. Este material foi responsável por garantir uma imagem lúdica, colorida e renovada ao espaço, convidando os usuários a experimentarem o espaço.

Figura 46: Intervenção urbana em Huellas Artes.



Fonte: 100architects + Ines Subtil.

Apesar de ter durado apenas duas semanas, o Huellas Artes causou um grande impacto. A intervenção colorida surpreendeu e conquistou os transeuntes incentivando-os a adquirir um novo olhar sobre os espaços que os mesmos utilizam diariamente e que são raramente experienciados além do uso cotidiano baseado no tráfego.

Por meio do Huellas Artes, os arquitetos demonstraram o potencial transformador de intervenções simples, porém criativas, no design urbano. Ao desafiar abordagens convencionais e apresentar as possibilidades de reimaginar os espaços urbanos existentes, o projeto destacou a importância da criatividade e da inovação na construção das cidades do futuro. (100architects, 2014).

Figura 47: Intervenção urbana em Huellas Artes.



Fonte: 100architects + Ines Subtil.

Figura 48: Intervenção urbana em Huellas Artes.



Fonte: 100architects + Ines Subtil.

5.3. Ruas Completas

As ruas completas representam uma abordagem renovada do urbanismo, fundamentada no redesenho de vias que priorizam o pedestre e não apenas a circulação de veículos. Esse conceito visa garantir segurança e acessibilidade para pedestres, ciclistas, usuários de transporte público e veículos, criando espaços públicos onde a circulação é equitativa para todos. A flexibilidade é fundamental na elaboração de projetos de ruas completas, permitindo que cada intervenção seja adaptada ao contexto local, aos usos específicos e às demandas dos frequentadores.

Figura 49: Rua completa em Curitiba - PR.



Fonte: ArchDaily Brasil, 2022.

Figura 50: Rua completa em Juiz de Fora - MG.



Fonte: ArchDaily Brasil, 2022.

Cidades como Curitiba, Fortaleza e São Paulo implementaram projetos de ruas completas que demonstram a viabilidade desse modelo. Esses exemplos mostram como é possível redesenhar uma rua para proporcionar maior conforto, acessibilidade e segurança, enquanto promove revitalização urbana e melhora de espaços degradados. Medidas como ampliação de calçadas, implantação de ciclovias, arborização e instalação de novo mobiliário urbano são elementos que contribuem para maior permanência de pessoas e apropriação do espaço público.

Figura 51: Rua completa em Niterói - RJ



Fonte: ArchDaily Brasil, 2022.

Figura 52: Rua completa em São Paulo - SP.



Fonte: ArchDaily Brasil, 2022.

A aplicação do conceito de ruas completas em centros urbanos históricos, como o Setor Central de Goiânia, apresenta relevante potencial de requalificação. Uma rua completa pode funcionar como espaço multifuncional capaz de atender simultaneamente demandas de mobilidade, convivência, comércio e turismo. Dessa maneira, a implementação de ruas completas vai além de melhorias estéticas, configurando-se como estratégia de revitalização urbana que resgata a função social e econômica dos centros históricos.

6. Memorial de projeto:

6.1. Lugar – A Rua 8

A Rua 8, localiza-se no Setor Central de Goiânia, entre a Avenida Paranaíba e a Rua 1. O trecho localizado entre a Avenida Anhanguera e rua 3, conhecido como Rua do Lazer, trata-se de via exclusiva para pedestres desde 1977, atualmente tombada pelo IPHAN como patrimônio urbano de valor histórico e arquitetônico. A rua representa um importante marco da história de Goiânia, sendo parte integrante do traçado urbano modernista de Attilio Corrêa Lima, caracterizado por sua integração entre espaço público, comércio e convivência social.

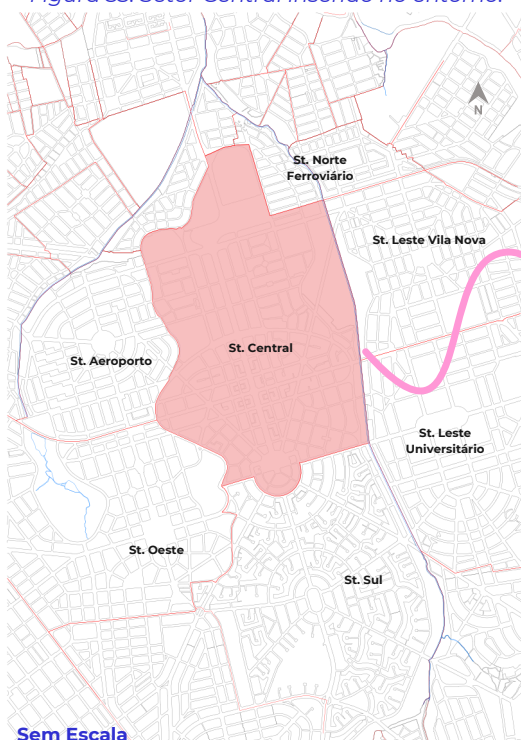
Historicamente, a Rua 8 consolidou-se como ponto de encontro e lazer durante as décadas de 1950 a 1980, abrigando estabelecimentos emblemáticos como o Cine Casablanca, Cine Ritz, Lanche Americano, Bar Acapulco e diversas lojas de moda e serviços. A prática do footing aos finais de semana após sessões de cinema transformava a rua em espaço de sociabilidade da juventude goianiense. Contudo, a partir dos anos 1990, com a implementação de shopping centers e a migração da dinâmica comercial para outros setores da cidade, a Rua 8 iniciou um progressivo processo de esvaziamento, degradação e perda de sua funcionalidade como espaço público vivo.

Atualmente, a rua apresenta-se com características contraditórias: durante o dia mantém alguma movimentação comercial, enquanto à noite torna-se bastante desocupada (com exceção dos finais de semana em que apresenta bastante movimentação entre os trechos da Rua 3 e Rua 5 devido à nova política de fechamento da rua).

Este cenário de pouca movimentação foi agravado por problemas de segurança, falta de manutenção, fechamento de estabelecimentos e presença de imóveis subutilizados ou abandonados.

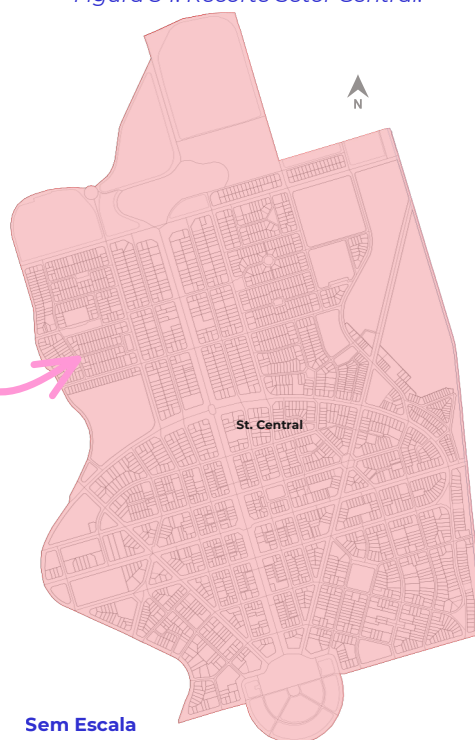
Apesar desse quadro, a Rua 8 conserva potencial significativo para revitalização, tanto pelo seu valor patrimonial e nostálgico, quanto pela sua capacidade de reativar uma centralidade urbana na cidade.

Figura 53: Setor Central inserido no entorno.



Fonte: Autora.

Figura 54: Recorte Setor Central.



Fonte: Autora.

6.1. Lugar – A Rua 8

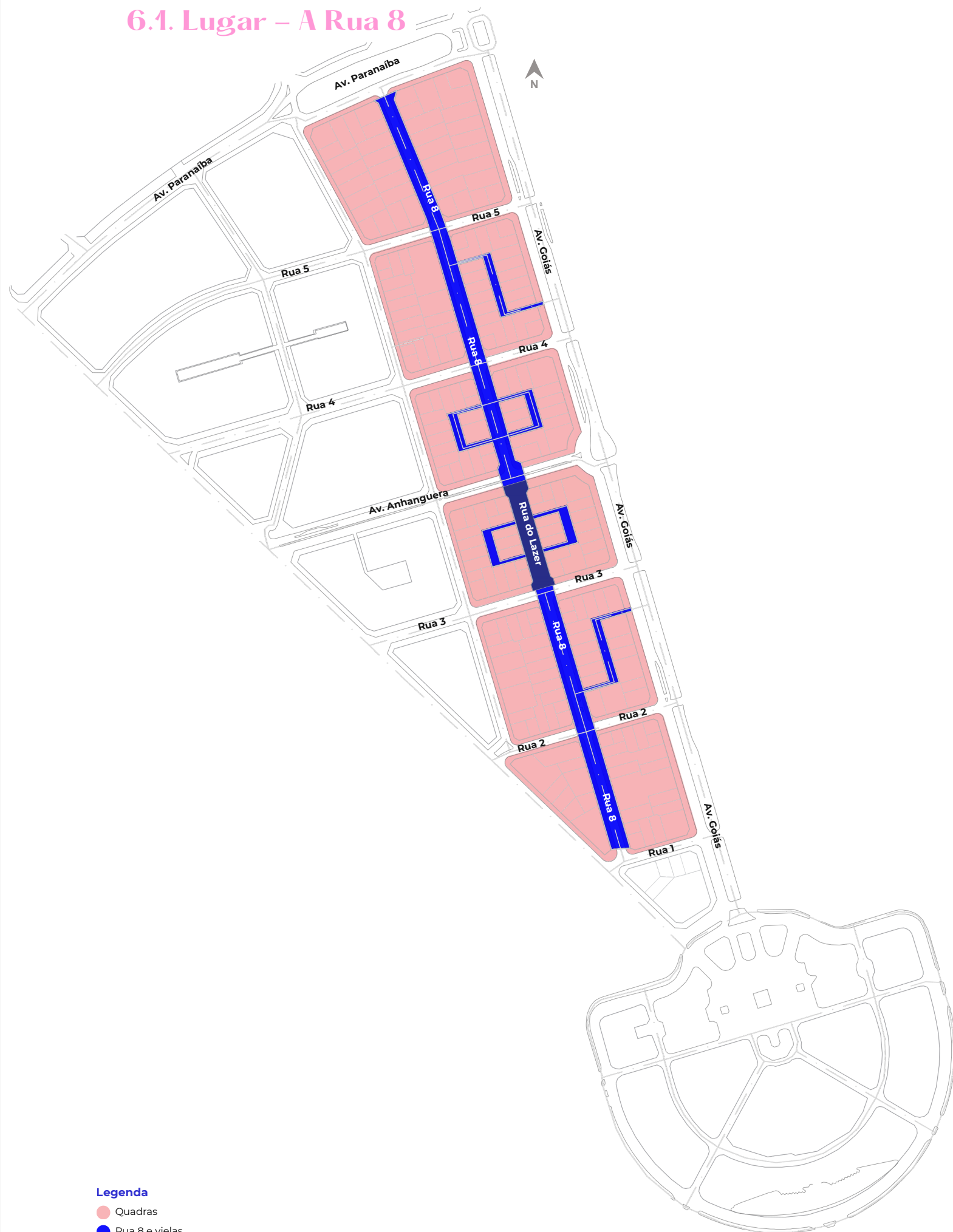


Figura 55: Recorte Rua 8.
Fonte: Autora.

6.1. Lugar – A Rua 8

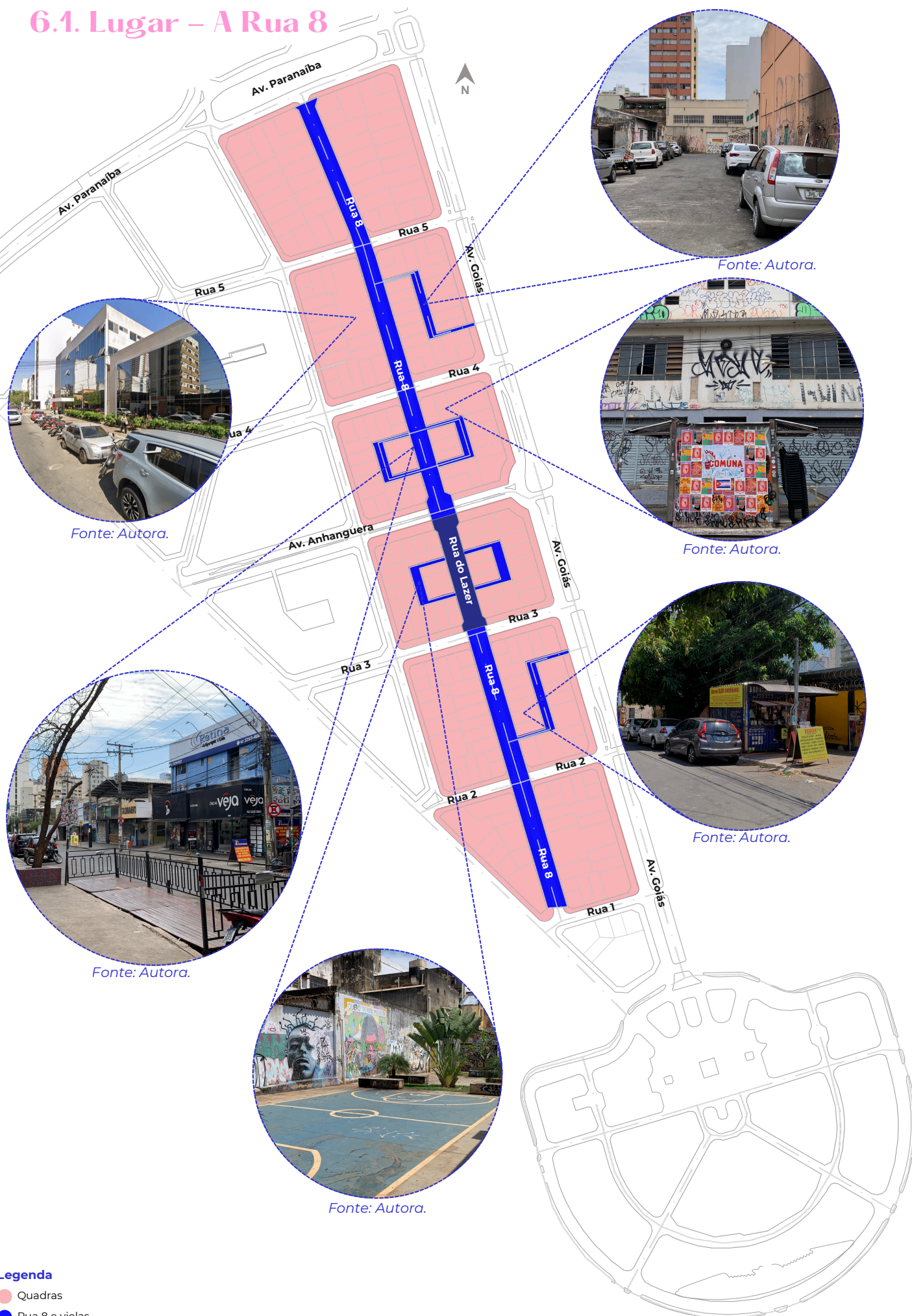


Figura 56: Recorte Rua 8.
Fonte: Autora.

6.2. Levantamento

O levantamento de campo foi realizado através de observações diretas na Rua 8 e seu entorno imediato, permitindo o registro e análise de características físicas, configuração espacial, usos do espaço, condições de infraestrutura e estado de preservação do patrimônio arquitetônico.

a. Características físicas identificadas:

A rua apresenta calçadas com largura de aproximadamente 4,9 metros, parcialmente degradadas com buracos e desníveis, dificultando a mobilidade segura de pedestres. O pavimento é predominantemente de asfalto, em condições de deterioração moderada a avançada. A iluminação pública mostra-se inadequada, com falta de dispositivos de iluminação em trechos específicos, criando zonas de sombra que comprometem a segurança noturna. O espaço carece de mobiliário urbano adequado como bancos, coletores de resíduos, lixeiras, elementos de sombreamento através de arborização ou estruturas pergoladas.

b. Infraestrutura Urbana:

A infraestrutura de saneamento básico encontra-se em condições operacionais, mas com sinais de desgaste. A rede de energia apresenta fiação aérea desorganizada, com postes sobrecarregados de cabos e fios em estado precário. Não existe sistema de wi-fi público nem ciclovias que facilitem a mobilidade por bicicleta. A drenagem de água pluvial é limitada, causando acúmulo de água em períodos de chuva em alguns pontos.

c. Uso e Apropriação do Espaço:

Durante o dia, a Rua 8 abriga comércio ativo em bares, cafeterias, restaurantes e alguns serviços, com circulação regular de pedestres. À noite e nos períodos de menor movimento comercial, o espaço torna-se bem menos utilizado e surgem problemas como acúmulo de lixo, vômito e urina nas calçadas, além de ocorrências de ilícitos e aumento da sensação de insegurança. Aos fins de semana, a vitalidade é maior quando há programação ligada ao projeto “Ocupa o Centro”.

O levantamento permitiu reconhecer um padrão de ocupação ao longo da Rua 8. No trecho entre as ruas 1 e 3, predominam usos de serviços, com pouca movimentação de pedestres e veículos. Entre as ruas 3 e 4, observa-se o maior fluxo, concentrando a maior parte dos comércios, serviços, bares e restaurantes, bastante movimentados aos fins de semana. Já no trecho entre a Rua 4 e a Avenida Paranaíba há maior presença de residências, pouco movimento de carros e circulação moderada de pedestres e ciclistas, configurando a parte mais calma da Rua 8, com alguns poucos comércios e serviços.

d. Patrimônio Arquitetônico:

Os edifícios ao longo da Rua 8 formam um conjunto bem diverso, com muitos imóveis das décadas de 1930 a 1950, alguns em estilo Art Déco, misturados a construções mais recentes. Boa parte das fachadas está descaracterizada por placas publicitárias grandes, fiação exposta e falta de manutenção. Vários imóveis mostram sinais claros de abandono, com pintura descascada, vidros quebrados, reboco caindo e infiltrações aparentes. Alguns prédios até passaram por revitalizações pontuais, mas a ausência de cuidados contínuos fez com que o estado de conservação voltasse a se deteriorar.

• Levantamento – Usos e Ocupação do Solo

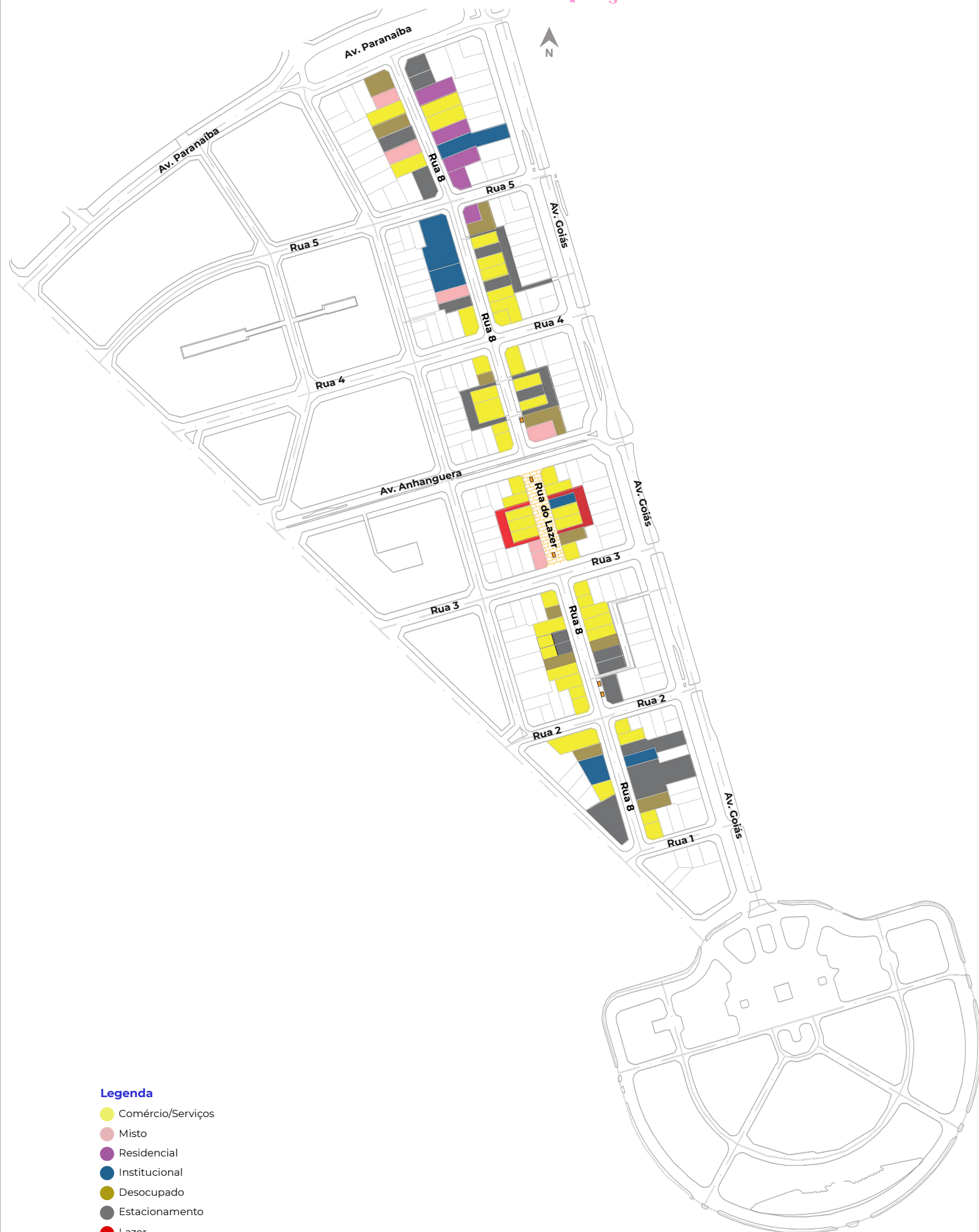


Figura 57: Usos e ocupação do solo - Rua 8.
Fonte: Autora.

• Levantamento – Postes + Vegetação



Figura 58: Levantamento postes e vegetação - Rua 8.
Fonte: Autora.

• Levantamento – Situação da Rua 8 atualmente

O trecho entre a Avenida Anhanguera e a Rua 4 é interditado para veículos após as 18h nos dias de sexta, sábados, domingos e feriados, funcionando como espaço de lazer no programa "Projeto Ocupa o Centro". Embora a rua já possua potencial para requalificação urbana e mobilidade ativa, há necessidade de melhorias físicas e funcionais no entorno.

Figuras 59, 60, 61 e 62: Situação da Rua 8 durante interdição aos finais de semana.



Fonte: Diário da Manhã, 2025.



Fonte: Diário da Manhã, 2025.



Fonte: Jornal O Popular, 2025.



Fonte: Diário da Manhã, 2025.

Comerciantes relatam problemas de limpeza, acúmulo de lixo, vômito e urina nas calçadas após as intervenções culturais na Rua 8. Existe uma contradição entre a vitalidade diurna e noturna: o comércio funciona durante o dia com menor permanência, enquanto há maior uso misto à noite.

Figuras 63, 64, 65, 66 e 67: Situação da Rua 8 durante o dia e acúmulo de lixo após interdição aos finais de semana.



Fonte: Autora, 2025.



Fonte: Autora, 2025.



Fonte: Autora, 2025.



Fonte: Autora, 2025.



Fonte: Reprodução Mais Goiás, 2025.

6.3. Questionário

Foi aplicado um formulário junto a usuários da Rua 8 e do Setor Central, totalizando 44 participantes com perfil diverso em termos de idade (18-60 anos), escolaridade (Ensino Médio a Doutorado) e frequência de uso do espaço. Os principais resultados foram sintetizados nos seguintes tópicos:

a. Distribuição etária

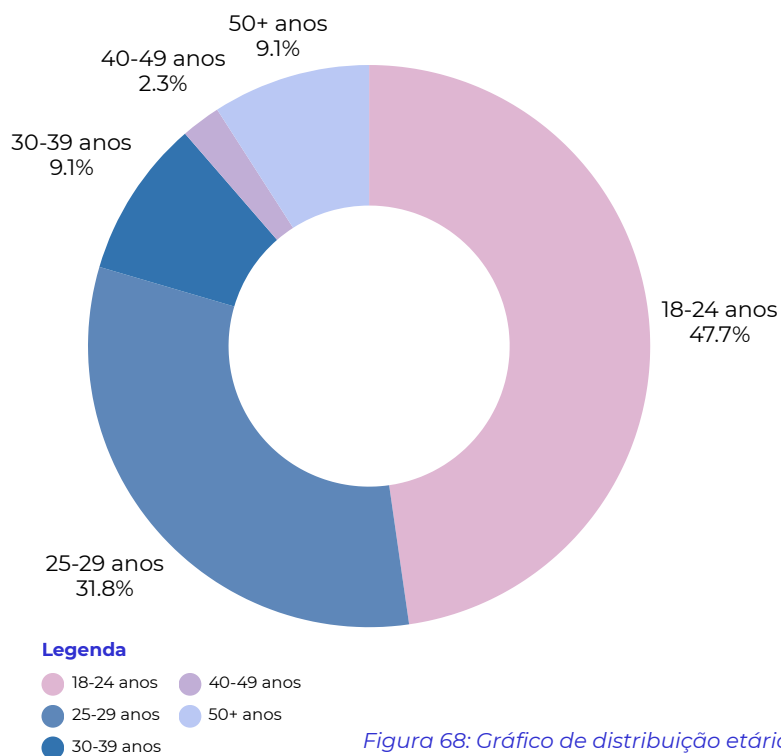


Figura 68: Gráfico de distribuição etária.
Fonte: Autora, 2025.

A caracterização demográfica dos participantes do questionário indica uma amostra composta predominantemente por jovens adultos com alta escolaridade. A distribuição etária mostra concentração expressiva nas faixas mais jovens, com 21 respondentes entre 18 e 24 anos (47,7% do total) e 14 pessoas entre 25 e 29 anos (31,8%). As demais faixas etárias apresentam representatividade menor: 4 respondentes entre 30 e 39 anos, 1 entre 40 e 49 anos, e 4 com 50 anos ou mais.

b. Grau de escolaridade

Quanto ao grau de escolaridade, os dados evidenciam um público altamente qualificado. O grupo majoritário possui ensino superior completo (16 pessoas), seguido por aqueles que estão cursando ensino superior (12 pessoas) e os que têm ensino superior incompleto (7 pessoas). Destacam-se ainda respondentes com pós-graduação: 5 com mestrado (cursando ou completo) e 1 com doutorado. Apenas 3 respondentes declararam ter ensino médio como nível máximo de escolaridade.

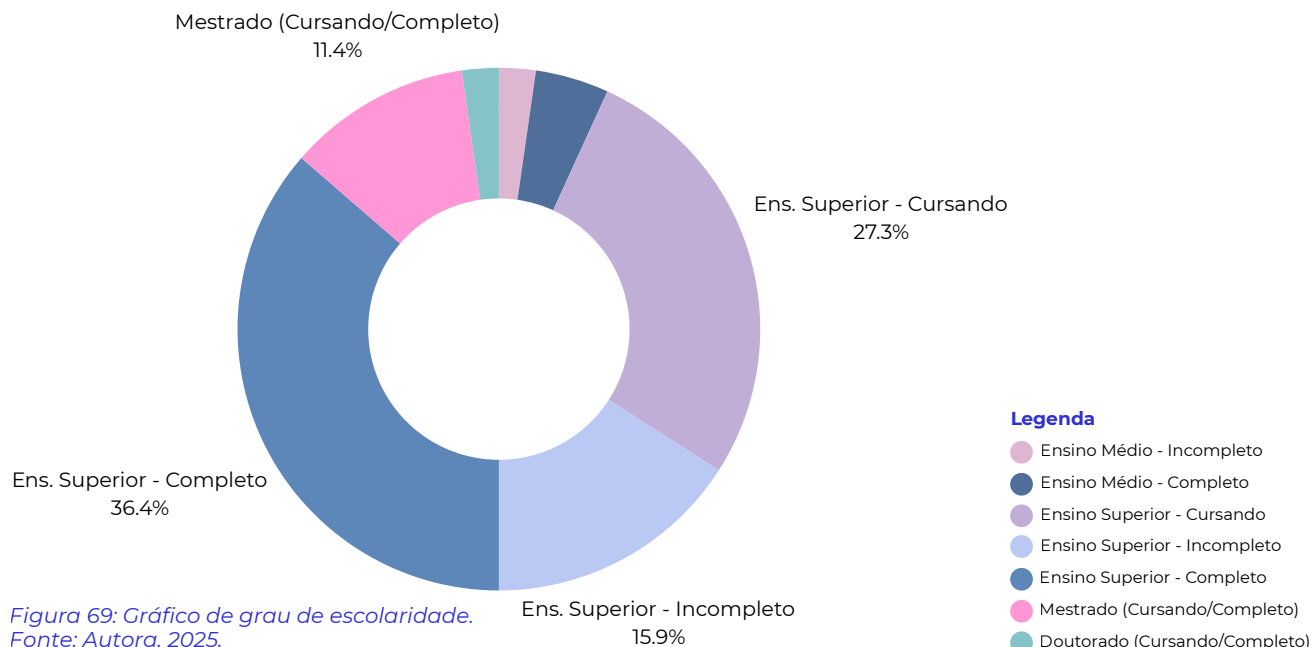
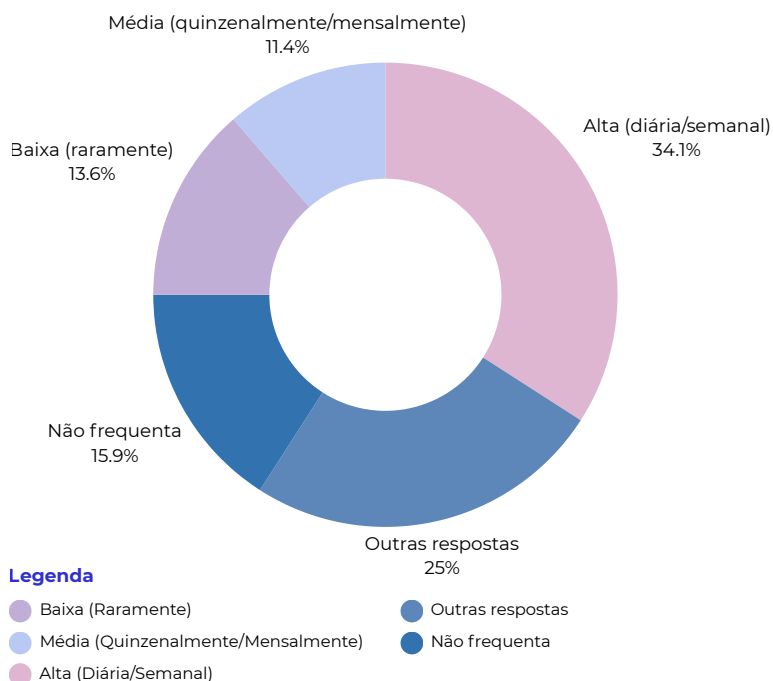


Figura 69: Gráfico de grau de escolaridade.
Fonte: Autora, 2025.

c. Frequência de visitas ao Setor Central

A análise dos padrões de visitação ao Setor Central revela um cenário de engajamento moderado a alto com o território. Entre os respondentes, 15 pessoas (34,1%) declararam frequentar o centro com alta regularidade, seja diariamente ou semanalmente, o que inclui moradores da região e trabalhadores. Um grupo de 11 respondentes forneceu respostas variadas que não se encaixaram nas categorias principais, indicando padrões de frequência específicos e diferenciados.



Por outro lado, 7 pessoas (15,9%) afirmaram não frequentar o Setor Central, enquanto 6 respondentes (13,6%) visitam o local raramente e 5 (11,4%) mantêm frequência média, com visitas quinzenais ou mensais. Estes números indicam que, embora uma parcela significativa mantenha vínculo regular com o centro, existe também um contingente considerável que evita ou visita esporadicamente a área, sugerindo a existência de barreiras ou desincentivos à frequência.

Figura 70: Gráfico de Frequência de visitas ao Setor Central.
Fonte: Autora, 2025.

d. Frequência das visitas à Rua 8

Especificamente em relação à Rua 8, os dados revelam uma divisão mais acentuada. Mais da metade dos respondentes (25 pessoas, ou 56,8%) declarou não frequentar a Rua 8, enquanto 18 pessoas (40,9%) afirmaram frequentar o local para atividades diversas, especialmente bares, cinema de rua e eventos culturais. Apenas 1 respondente indicou frequentar o local raramente ou às vezes. Esta distribuição sugere que, apesar de ser um ponto de referência cultural e de lazer no centro, a Rua 8 ainda não consegue atrair a maioria da população, possivelmente devido às mesmas questões que afetam o Setor Central como um todo.

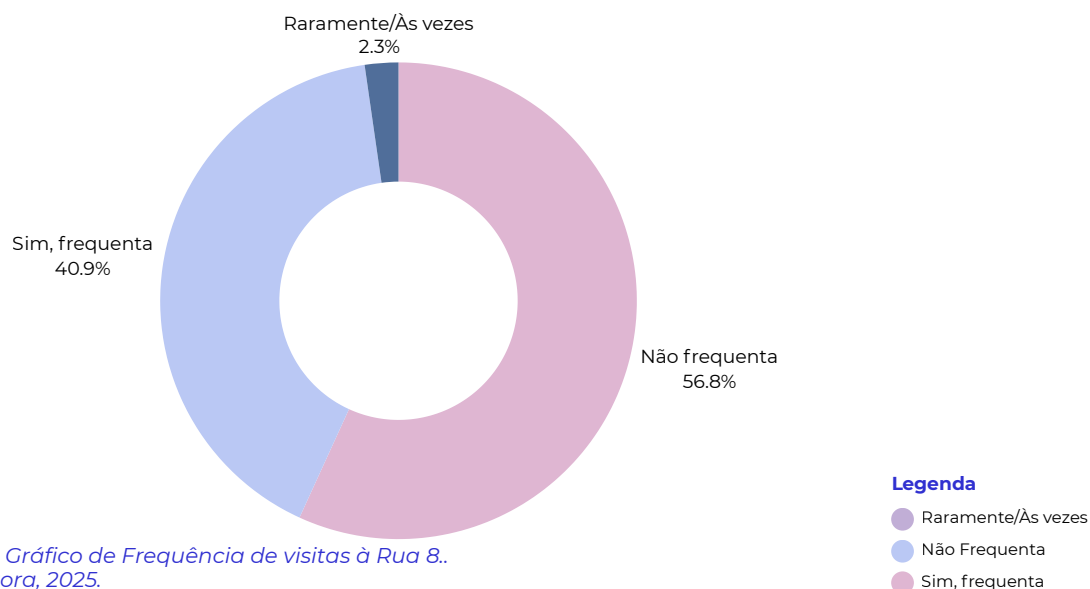


Figura 70: Gráfico de Frequência de visitas à Rua 8..
Fonte: Autora, 2025.

e. O que falta no Setor Central?

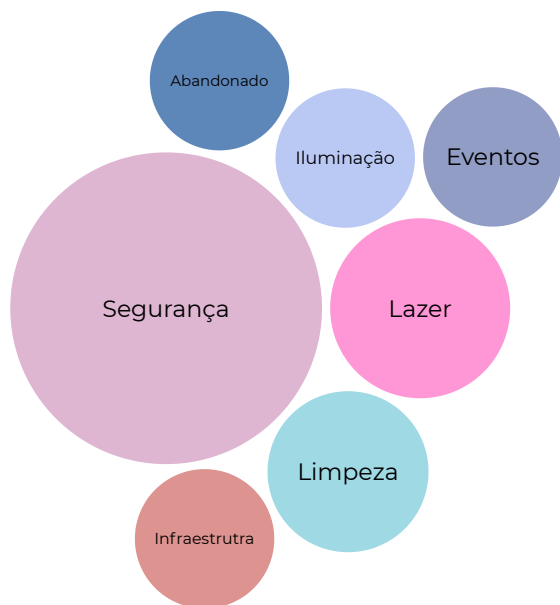


Figura 71: Gráfico de "O que falta no Setor Central?".
Fonte: Autora, 2025.

A análise qualitativa das respostas sobre o que os respondentes mais sentem falta no Setor Central revela preocupações recorrentes e bem definidas. A palavra "segurança" aparece de forma absolutamente dominante, sendo mencionada 15 vezes, muito acima de qualquer outro termo. Este dado evidencia que a percepção de insegurança é a principal lacuna identificada pelos usuários e potenciais usuários do centro.

Outros aspectos frequentemente mencionados incluem "lazer" (5 menções), "limpeza" (4 menções), "iluminação" (3 menções), "infraestrutura" (3 menções) e a sensação de que o espaço está "abandonado" (3 menções). Termos como "lugares", "eventos" e "revitalização" também aparecem nas respostas, indicando que os respondentes sentem falta de equipamentos e atividades que tornem o centro mais atrativo e vivo. A convergência desses elementos aponta para um diagnóstico claro: o Setor Central sofre com problemas estruturais de manutenção, segurança e vitalidade urbana.

f. O que mais gosta no Setor Central?

Apesar das críticas e necessidades apontadas, os respondentes também reconhecem importantes qualidades e potencialidades no Setor Central. Entre os aspectos mais valorizados, destacam-se "lojas" (9 menções), "arquitetura" (8 menções), "acesso" (7 menções) e "variedade" (6 menções). A palavra "centro" aparece 11 vezes, refletindo referências à centralidade e importância simbólica do local.

A valorização da arquitetura é particularmente significativa, indicando que o patrimônio edificado e a memória urbana são reconhecidos como ativos importantes

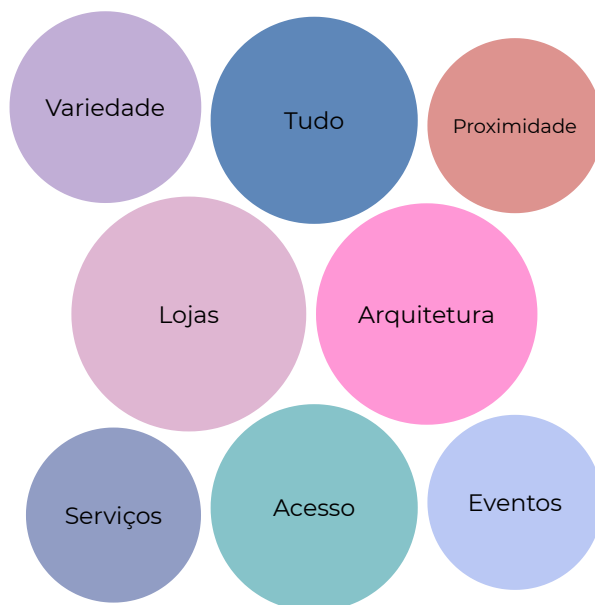


Figura 72: Gráfico de "O que mais gosta no Setor Central?".
Fonte: Autora, 2025.

da área. O acesso mencionado reflete a posição estratégica do centro na malha urbana de Goiânia, facilitando deslocamentos. Termos como "eventos" (5 menções), "culturais" (4 menções), "bares" (4 menções) e "serviços" (5 menções) revelam que os respondentes apreciam a diversidade de usos e a oferta cultural do setor. Esta dualidade entre problemas estruturais e potencialidades reconhecidas sugere que o Setor Central possui uma base sólida de atrativos, mas que precisa de intervenções direcionadas para superar suas deficiências e consolidar-se como área de referência na cidade.

g. Mudanças sugeridas para o Setor Central

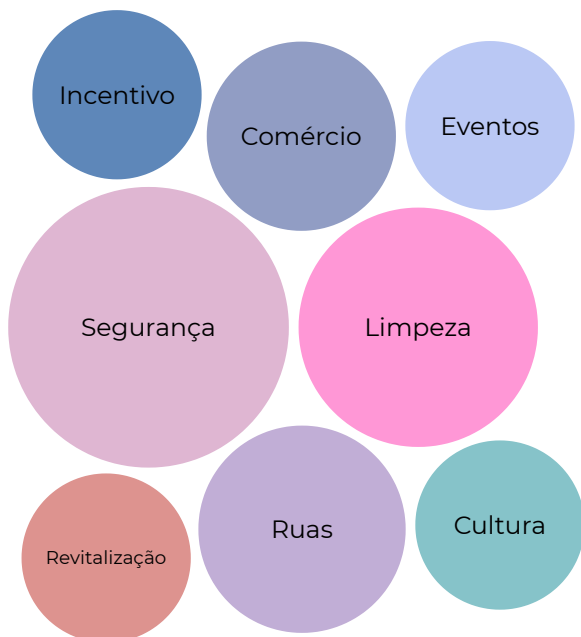


Figura 73: Gráfico de Mudanças sugeridas para o Setor Central.

Fonte: Autora, 2025.

Ao serem questionados sobre que mudanças deveriam ser implementadas para melhorar o Setor Central de forma geral, os respondentes novamente colocaram a "segurança" no topo das prioridades (11 menções). Este dado reforça a urgência de ações voltadas à segurança pública como condição fundamental para qualquer processo de requalificação urbana bem-sucedido.

A "limpeza" (8 menções) aparece como segunda prioridade, seguida por termos relacionados à qualidade dos espaços públicos como "ruas" (6 menções) e conceitos mais amplos como "revitalização" (4 menções), "incentivo" (4 menções) e "eventos culturais" (4 menções cada). As menções ao

"comércio" (5 menções) e à "prefeitura" (4 menções) indicam que os respondentes reconhecem tanto a importância do setor comercial quanto o papel do poder público como agente de transformação.

h. Mudanças sugeridas para a Rua 8/Rua do Lazer

Quando questionados especificamente sobre a Rua 8 e a Rua do Lazer, os respondentes mantiveram a "segurança" como prioridade absoluta (13 menções), sendo ainda mais enfática do que para o Setor Central como um todo. Outros aspectos destacados incluem "iluminação" (5 menções), "espaço" (6 menções), "limpeza" (5 menções), "lazer" (7 menções), "eventos" (5 menções) e "bares" (5 menções).

A ênfase em "lazer" e "eventos" para a Rua 8 é coerente com a vocação histórica do logradouro como espaço de convivência e atividades culturais.

As menções à iluminação reforçam a importância deste elemento tanto para a segurança quanto para a criação de ambiência adequada às atividades noturnas. Termos como "espaço", "local" e "maior" sugerem demandas por ampliação e melhor qualificação dos espaços públicos destinados à permanência e às atividades de lazer.

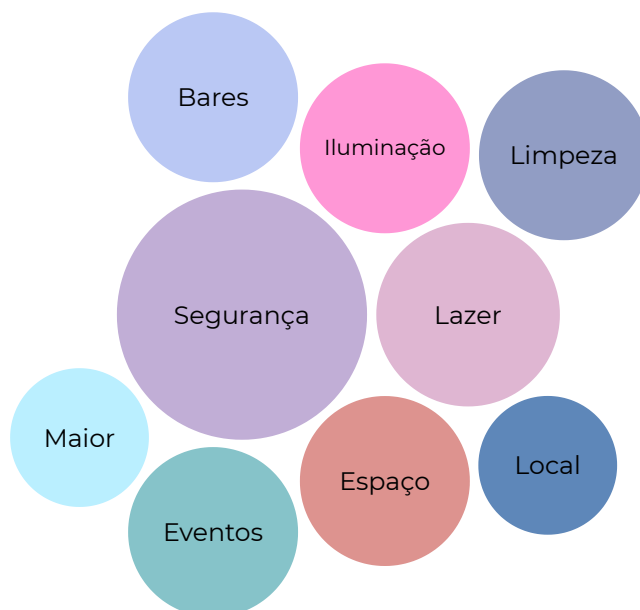


Figura 73: Gráfico de Mudanças sugeridas para a Rua 8.

Fonte: Autora, 2025.

6.4. Usuários

A Rua 8/Rua do Lazer é frequentada por públicos diversificados com motivações e necessidades distintas:

- **Comerciantes e Lojistas:** Proprietários de bares, restaurantes, cafeterias, lojas de serviços (ópticas, salões de beleza, livrarias) e comércios diversos. Enfrentam desafios como redução de movimento, concorrência de shopping centers, custos de aluguel elevados (em torno de R\$ 2.800 mensais), furtos e falta de incentivos municipais. Alguns possuem mais de 40 anos de atuação na região e expressam profunda conexão afetiva com o lugar, tendo ali "criado filhos" e construído suas histórias de vida.
- **Moradores:** População residente no Setor Central que utiliza a rua para compras, serviços, lazer e convivência cotidiana. Apesar de representarem minoria numericamente, indicam valorização da acessibilidade, diversidade de ofertas próximas e eficiência de transportes coletivos. Expressam preocupação com segurança especialmente noturna.
- **Frequentadores de Lazer e Cultura:** Usuários que se deslocam até a rua especificamente para atividades de lazer (cinema, bares, restaurantes), eventos culturais (shows, exposições, teatro) e sociabilidade. Predominam indivíduos de 20-40 anos, estudantes, profissionais e pessoas com interesse em atividades artísticas e culturais. Muitos expressam desejo de reativação de eventos regulares e programação cultural continuada.
- **Trabalhadores de Passagem:** Comerciantes de outras regiões, prestadores de serviço e pessoas em circulação que eventualmente utilizam a rua para compras rápidas ou transição entre pontos. Representam fluxo disperso e pouco contributivo à apropriação permanente do espaço.
- **População Vulnerável:** Presença de pessoas em situação de rua e usuários de substâncias psicoativas, que, embora constituam minoria em números, geram percepção de insegurança e incômodo para outros usuários. Requerem políticas integradas de acolhimento e assistência que transcendem escopo urbanístico.

6.5. Diagnóstico

Com base na metodologia já apresentada, o questionário aplicado com frequentadores e não frequentadores da Rua 8 e o levantamento realizado in loco, foi possível elaborar um diagnóstico sobre a situação do local. A partir dessas informações coletadas, identificamos os principais problemas e potencialidades da rua, que foram organizados em quatro grupos temáticos:

- **Cultura e Patrimônio**
- **Infraestrutura e Mobilidade**
- **Habitação e Segurança**
- **Atividade Econômica e Meio Ambiente**

Essa divisão permite abordar os desafios de forma integrada, reconhecendo que diferentes aspectos da rua estão conectados entre si.

a. Cultura e Patrimônio:

• Problemas identificados:

Figura 74: Degradação do espaço público..



Fonte: Autora, 2025.

Figura 75: Degradação do espaço público..



Fonte: Autora, 2025.

Figura 76: Art Decó presente na Rua 8 com a Av. Anhanguera.



Fonte: Autora, 2025.

A Rua 8 enfrenta desafios significativos relacionados à cultura e ao patrimônio. A falta de incentivo à visitação resulta em baixa circulação e interesse pela rua como espaço cultural. O fechamento de espaços culturais reduz as atividades e oportunidades de uso cultural do local. A ausência de manutenção em prédios públicos compromete a preservação do patrimônio histórico. Há também poucos imóveis tombados, fragilizando a proteção do patrimônio existente. Por fim, a degradação e abandono dos pontos turísticos afasta visitantes e enfraquece a identidade cultural da rua.

Esses problemas, em conjunto, afastam pessoas do espaço, prejudicam a preservação histórica e reduzem o potencial da Rua 8 como polo de atração cultural para a cidade.

• Potencialidades identificadas:

A Rua 8 possui potencialidades significativas para fortalecer sua dimensão cultural e patrimonial. A presença de patrimônio Art Decó constitui um acervo arquitetônico importante que pode ser valorizado. Existe espaço para criação de novos equipamentos culturais, permitindo diversificar as ofertas e atrações no local. Há também um potencial de revitalização para espaços culturais e pontos turísticos já existentes, que podem ser reativados e recuperados.

Essas potencialidades indicam que a Rua 8 possui recursos e estrutura para se tornar um espaço cultural vibrante, atraindo visitantes e fortalecendo sua identidade como polo de patrimônio e cultura na cidade.

b. Infraestrutura e Mobilidade:

• Problemas identificados:

A Rua 8 apresenta diversos desafios relacionados à infraestrutura e mobilidade. Apesar de não possuir um volume de tráfego intenso, o difícil acesso a vagas de estacionamento prejudicam a fluidez e acessibilidade do espaço. A falta de ciclovias e calçadas deterioradas compromete a segurança e o conforto de pedestres e ciclistas. A sinalização insuficiente para pedestres dificulta a circulação segura e orientação no local. Além disso, há desrespeito às leis de trânsito, agravando os problemas de mobilidade e segurança viária.

Esses problemas afastam as pessoas do espaço, reduzem a qualidade de vida e limitam o potencial de uso da Rua 8 como via de circulação atrativa e acessível.

Figura 77: Calçadas deterioradas..



Fonte: Autora, 2025.

Figura 78: Calçadas com acúmulo de lixo.



Fonte: Autora, 2025.

• Potencialidades identificadas:

A Rua 8 possui potencialidades importantes para melhorar sua infraestrutura e mobilidade. A grande circulação de pessoas e fácil acesso por ônibus evidencia a importância da via como eixo de mobilidade urbana. Os dois eixos viários principais que cruzam o bairro reforçam sua centralidade. A infraestrutura completa de drenagem, asfalto, água, esgoto, eletrificação e iluminação pública demonstra que a rua possui base estrutural adequada. Há também potencial para coleta seletiva e instalação de wi-fi público, agregando serviços e sustentabilidade ao espaço.

Essas potencialidades indicam que a Rua 8 pode ser otimizada para oferecer uma melhor experiência de mobilidade e acesso, consolidando-se como um espaço público de qualidade e inclusivo.

Figura 79: Eixo de ônibus Av. Anhanguera.



Fonte: Autora, 2025.

Figura 80: Eixo de ônibus Av. Anhanguera.



Fonte: Autora, 2025.

c. Habitação e Segurança:

- Problemas identificados:

Em relação à habitação e segurança a Rua 8 enfrenta a desvalorização e aumento de imóveis vazios, que refletem a falta de interesse em investimentos residenciais na área. Edifícios antigos e sem manutenção causam insegurança, comprometem a qualidade das habitações e a segurança estrutural. O espaço público e iluminação precários reduzem a sensação de segurança durante o dia e à noite.

Há também alta quantidade de pessoas em situação de rua, além do esvaziamento do Setor Central por insegurança e falta de lazer, e o contatrumo tende a ser mais vazio devido à falta de locais de lazer e insegurança.

Esses problemas afastam moradores potenciais, reduzem a vitalidade urbana e prejudicam a qualidade de vida de quem utiliza e reside na Rua 8.

Figura 81: Morador de rua dormindo na calçada.



Fonte: Autora, 2025.

Figura 82: Edifício antigo, sem manutenção e com apartamento à venda.



Fonte: Autora, 2025.

• Potencialidades identificadas:

As habitações espaçosas e acessíveis no Centro representam uma oportunidade imobiliária relevante. Existe possibilidade de retrofit nos edifícios, permitindo modernização com preservação das estruturas existentes. A estrutura de desenho urbano moderno capaz de suportar tecnologias de monitoramento, iluminação pública oferece base para aumentar a segurança. Há também espaços amplos que podem reforçar a sensação de segurança quando cuidados adequadamente.

Essas potencialidades indicam que a Rua 8 pode se transformar em um local mais seguro, atrativo e valorizado para moradia, atraindo novos residentes e fortalecendo a vida urbana na área.

Figuras 83, 84 e 85: Edifícios desocupados na Rua 8 com potencial de retrofit.



Fonte: Autora, 2025.



Fonte: Autora, 2025.



Fonte: Autora, 2025.

d. Atividade Econômica e Meio Ambiente:

• Problemas identificados:

A Rua 8 enfrenta dificuldades significativas em sua dimensão econômica e ambiental. O fechamento de diversas lojas e atividades econômicas locais reduz a vitalidade comercial da via. A falta de investimento em infraestrutura atrativa desestimula novos negócios e permanência de pessoas. A falta de arborização e ausência de sombra, geração de lixo e calor compromete a qualidade ambiental e o conforto do espaço público. Há também percepção de sujeira e desorganização por falhas na coleta de resíduos, afastando tanto moradores quanto visitantes.

Esses problemas contribuem para o enfraquecimento econômico da rua e para a degradação ambiental do espaço, criando um ciclo negativo de esvaziamento e abandono.

• Potencialidades identificadas:

A Rua 8 possui potencialidades importantes para fortalecer sua economia e qualidade ambiental. O histórico consolidado de atividade comercial e de serviços evidencia sua vocação econômica. As calçadas largas com potencial para arborização urbana oferecem oportunidades para melhorar o conforto e a sustentabilidade. A localização entre dois parques urbanos (Parque do Botafogo e Bosque dos Buritis) posiciona a rua como um eixo estratégico de conexão com espaços verdes, potencializando sua atratividade.

Essas potencialidades indicam que a Rua 8 pode se revitalizar economicamente e transformar-se em um espaço mais agradável e sustentável, reforçando sua importância como centro comercial e cultural da região.

Figuras 86 e 87: Espaços de comércio desocupados para serem alugados.



Fonte: Autora, 2025.

Figura 88: Acúmulo de lixo na calçada.



Fonte: Autora, 2025.

Figuras 89, 90, 91 e 92: Comércio na Rua 8 e Avenida Anhanguera.



Fonte: Autora, 2025.

6.6. Diretrizes e Propostas de Requalificação

As propostas de requalificação foram elaboradas em resposta aos problemas identificados, alinhadas ao conceito de 'ruas completas' e aos demais estudos de caso. Considerando a situação atual da rua e suas potencialidades, as propostas buscam transformar a Rua 8 em um espaço multifuncional, acessível, seguro, sustentável e apropriável.

a. Cultura e Patrimônio:

• Diretrizes:

- Promover uma cidade viva na Rua 8 por meio de espaços públicos ativos e conectados.
- Transformar a rua em um corredor cultural de baixo carbono que fomente lazer, convivência e atividades criativas ao longo do dia e da noite.
- Reforçar a identidade e a memória urbana da Rua 8 como patrimônio afetivo e cultural da cidade.

• Propostas:

- Limpeza e uniformização das fachadas implementando a lei de fachadas já existente.
- Requalificação de espaços culturais já existentes na rua, dinamizando-os com novos usos.
- Criação de programas de arte comunitária e ocupação cultural em espaços ociosos e vielas, trazendo vida e apropriação ao local.
- Desenvolvimento de parcerias público-privadas para garantir manutenção e patrocínio de eventos culturais na Rua 8.

b. Infraestrutura e Mobilidade:

• Diretrizes:

- Promover uma infraestrutura urbana sustentável e sistemas de mobilidade orientados por princípios de baixo carbono na Rua 8.
- Reconfigurar o espaço viário da rua promovendo mobilidade ativa para equilibrar fluxos e priorizar o pedestre.

• Propostas:

- Implementar o conceito de "rua completa" na Rua 8, com prioridade para mobilidade ativa e redução do uso de carros.
- Pedestrianização do trecho entre a Avenida Anhanguera e Rua 4, criando um espaço integralmente dedicado ao pedestre.
- Revitalização do trecho pedestrianizado da Rua do Lazer, mantendo e melhorando seu funcionamento.
- Ampliação de espaços de permanência e mobiliários urbanos (bancos, parklets, canteiros).
- Priorizar pavimentos drenantes e soluções de drenagem sustentável (jardins de chuva).
- Aumento da calçada e criação de espaço de convivência na esquina entre Avenida Tocantins, Rua 1 e Rua 8.

c. Habitação e Segurança:

• Diretrizes:

- Aumentar a segurança urbana na Rua 8 a partir do engajamento social e recuperação dos espaços públicos.
- Segurança urbana pelo desenho do espaço público.
- Reverter o esvaziamento populacional da rua, garantindo moradia adequada a diferentes faixas de renda.

• Propostas:

- Incentivar retrofit e reformas em edifícios subutilizados, priorizando implantação de habitações com usos mistos (comércio, serviços e moradia).
- Garantir infraestrutura urbana de qualidade: saneamento, iluminação pública eficiente com LED, acessibilidade e mobilidade ativa.
- Implantar fachadas ativas e usos que favoreçam fluxo de pessoas ao longo do dia e noite, com requalificação de praças e vielas para convivência segura.
- Integrar monitoramento comunitário e tecnológico para segurança, com câmeras, sensores e presença social organizada na Rua 8.

d. Atividade Econômica e Meio Ambiente:

• Diretrizes:

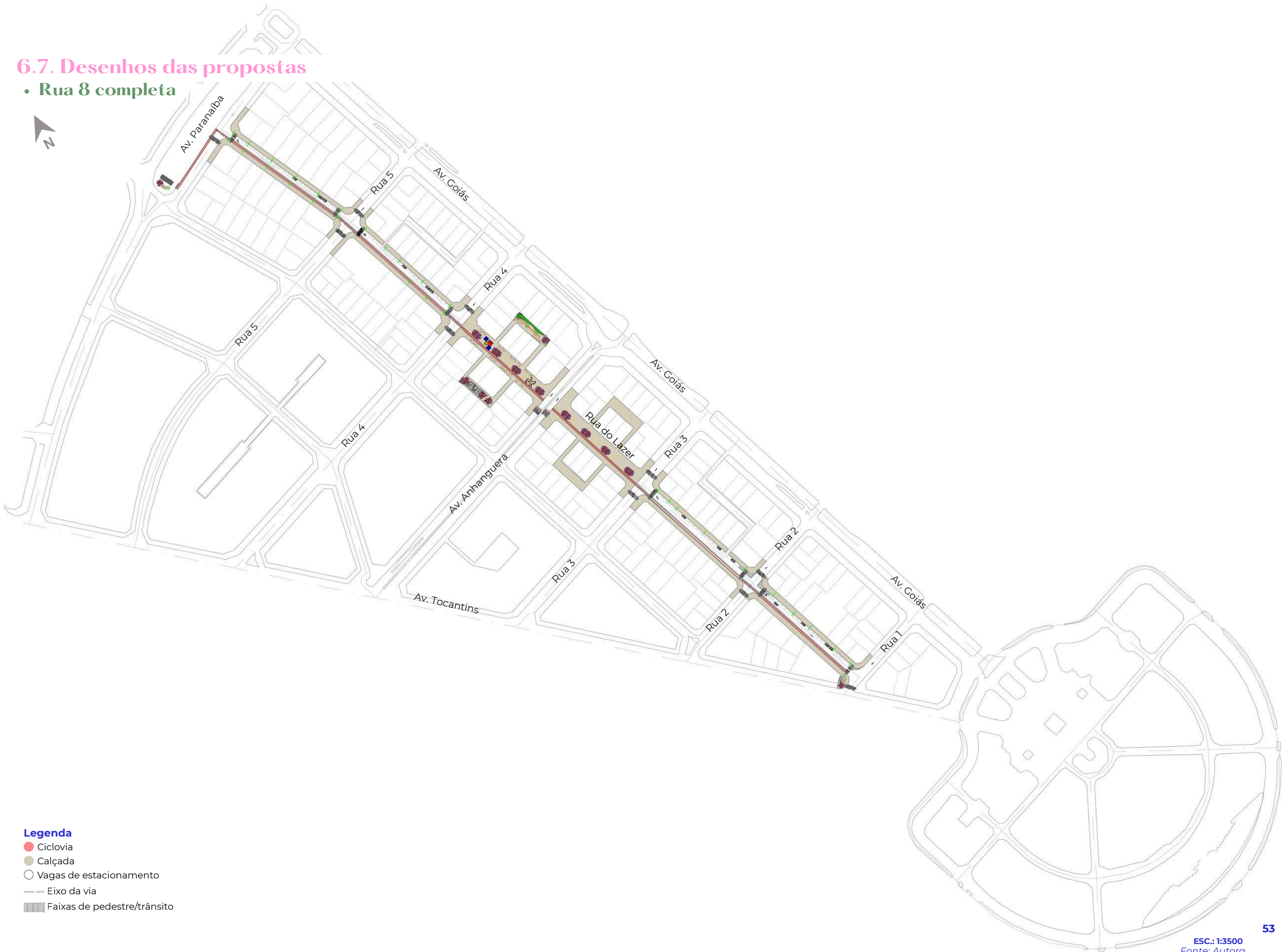
- Revitalizar e promover economia criativa e sustentável na Rua 8, com foco em práticas de baixo carbono e reuso de estruturas existentes.
- Promover integração entre atividade econômica e meio ambiente, incentivando uso responsável dos recursos naturais.
- Garantir diversidade de usos urbanos, fortalecendo comércio, serviços, cultura e lazer de forma sustentável.

• Propostas:

- Incentivar empreendimentos culturais, gastronômicos e de design sustentável na Rua 8, aproveitando sua vocação comercial histórica.
- Implantar pontos de sombreamento e áreas verdes que favoreçam permanência e fluxo de pessoas na rua.
- Facilitar linhas de financiamento e capacitação para empreendimentos locais que adotem práticas sustentáveis e responsabilidade social.

6.7. Desenhos das propostas

• Rua 8 completa



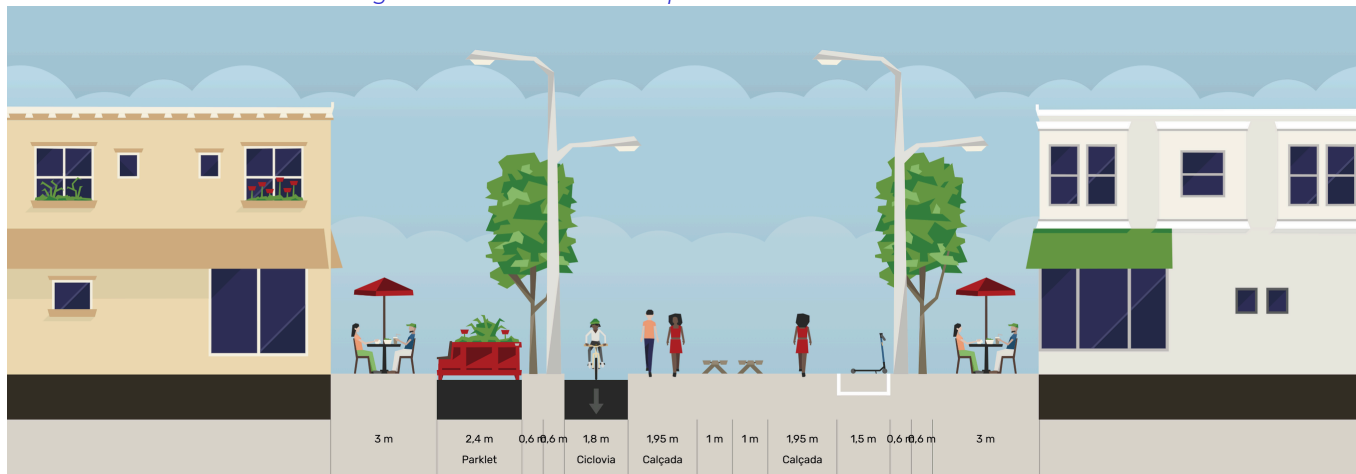
Legenda

- Ciclovias
- Calçada
- Vagas de estacionamento
- Eixo da via
- Faixas de pedestre/trânsito

- Perfil das vias

- Perfil das vias compreendidas entre Rua 3 e Rua 4.

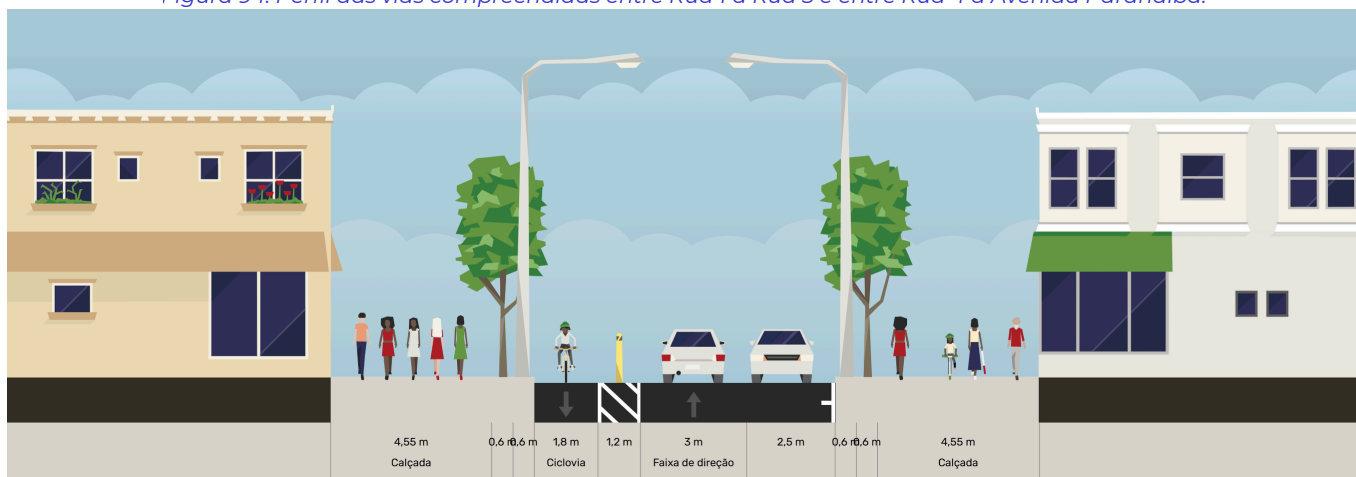
Figura 93: Perfil das vias compreendidas entre Rua 3 e Rua 4.



Fonte: Autora via StreetMix, 2025.

- Perfil das vias compreendidas entre Rua 1 a Rua 3 e entre Rua 4 a Avenida Paranaíba.

Figura 94: Perfil das vias compreendidas entre Rua 1 a Rua 3 e entre Rua 4 a Avenida Paranaíba.



Fonte: Autora via StreetMix, 2025.

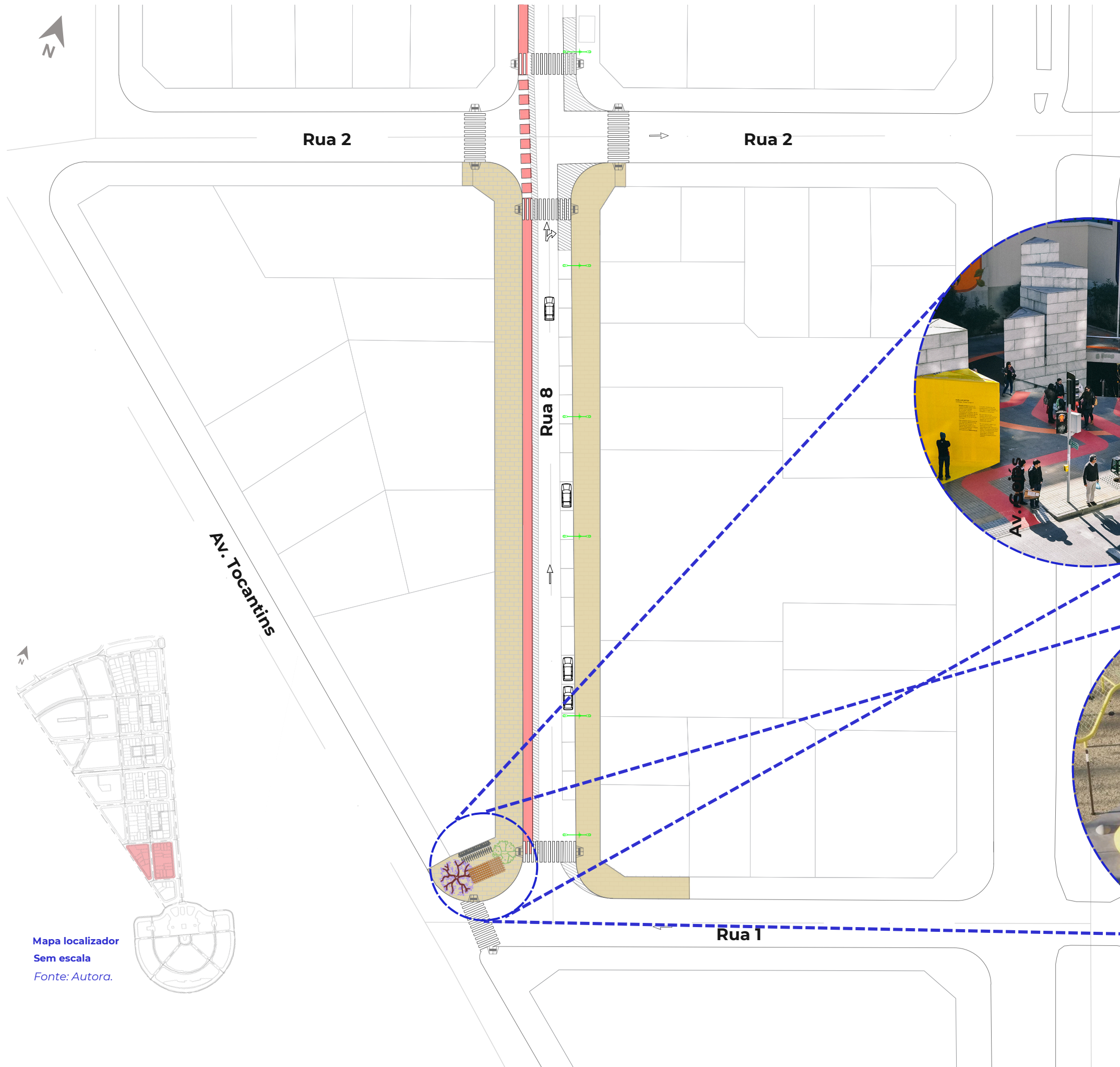
• Antes: Quadra localizada entre Rua 1 e Rua 2.



Mapa localizador
Sem escala
Fonte: Autora.

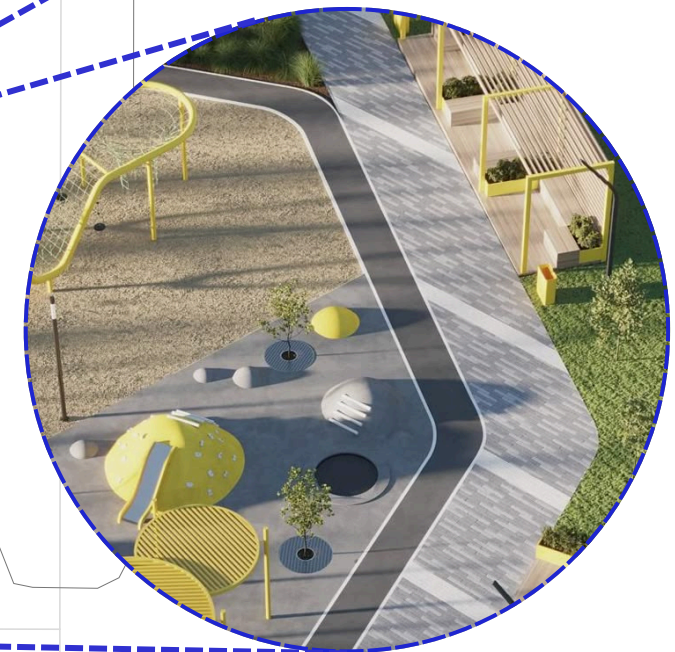
ESC.: 1:750
Fonte: Autora.

• Depois: Quadra localizada entre Rua 1 e Rua 2.



Propostas:

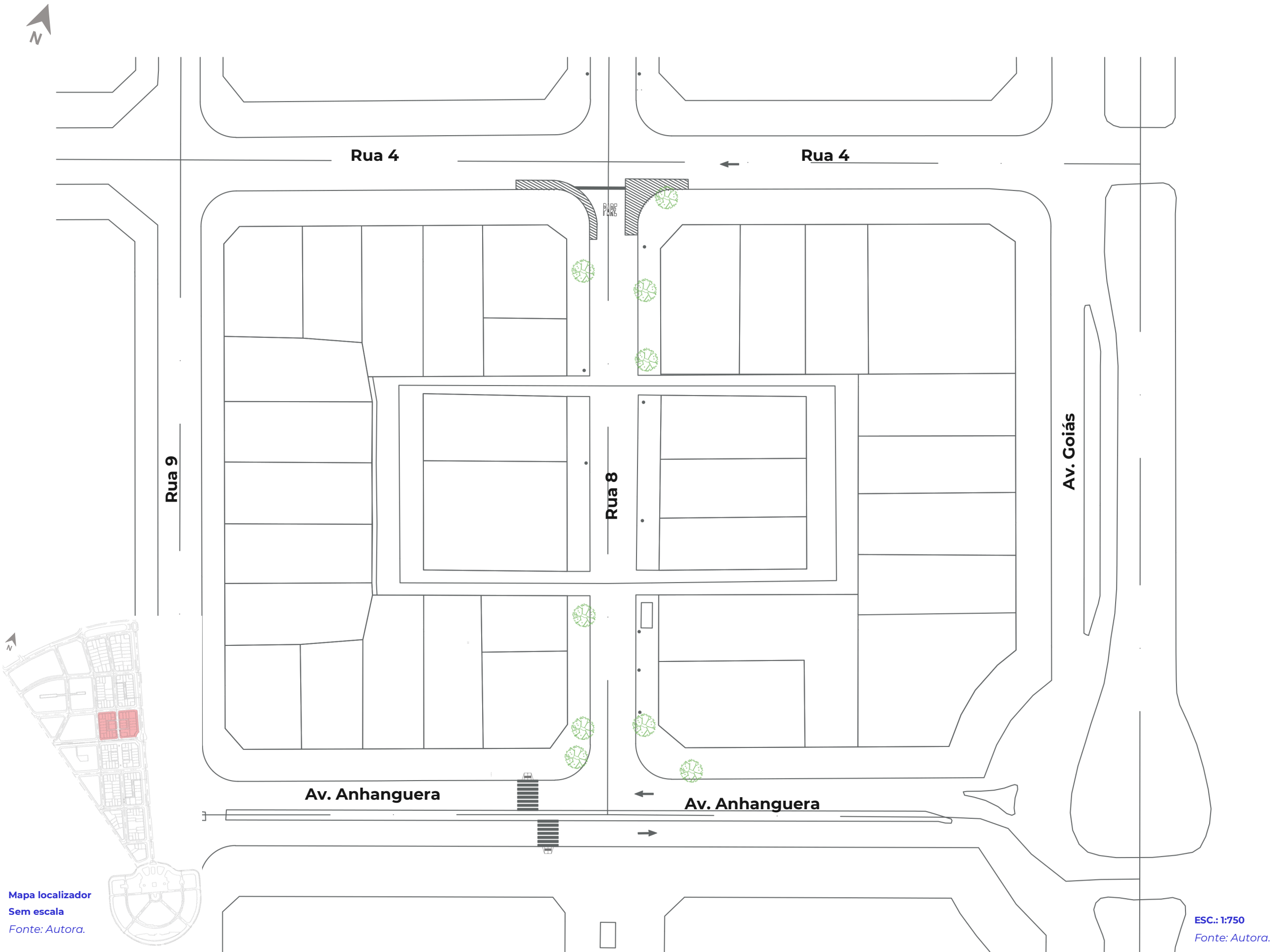
- Aumento da calçada e criação de espaço de convivência na esquina entre Av. Tocantins, Rua 1 e Rua 8.
- Rua completa: ciclofaixa, faixa de amortecimento, faixa única para carros, vagas de estacionamento.
- Instalações artísticas atrativas para a população.
- Instalação de bicicletário - marcará o ponto de partida da ciclofaixa.



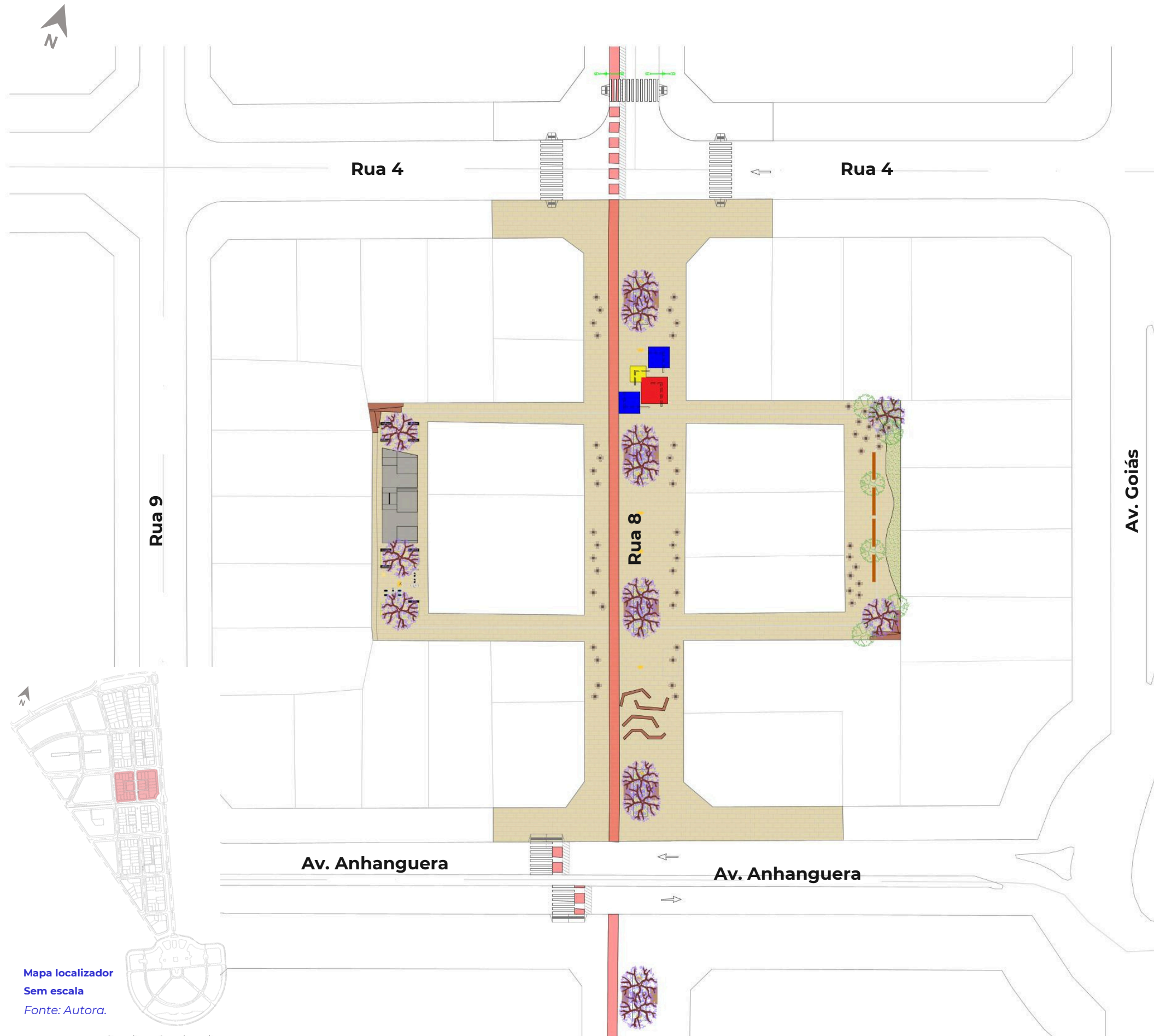
Mapa localizador
Sem escala
Fonte: Autora.

ESC.: 1:750
Fonte: Autora.

- Antes: Quadra localizada entre Avenida Anhanguera e Rua 4.



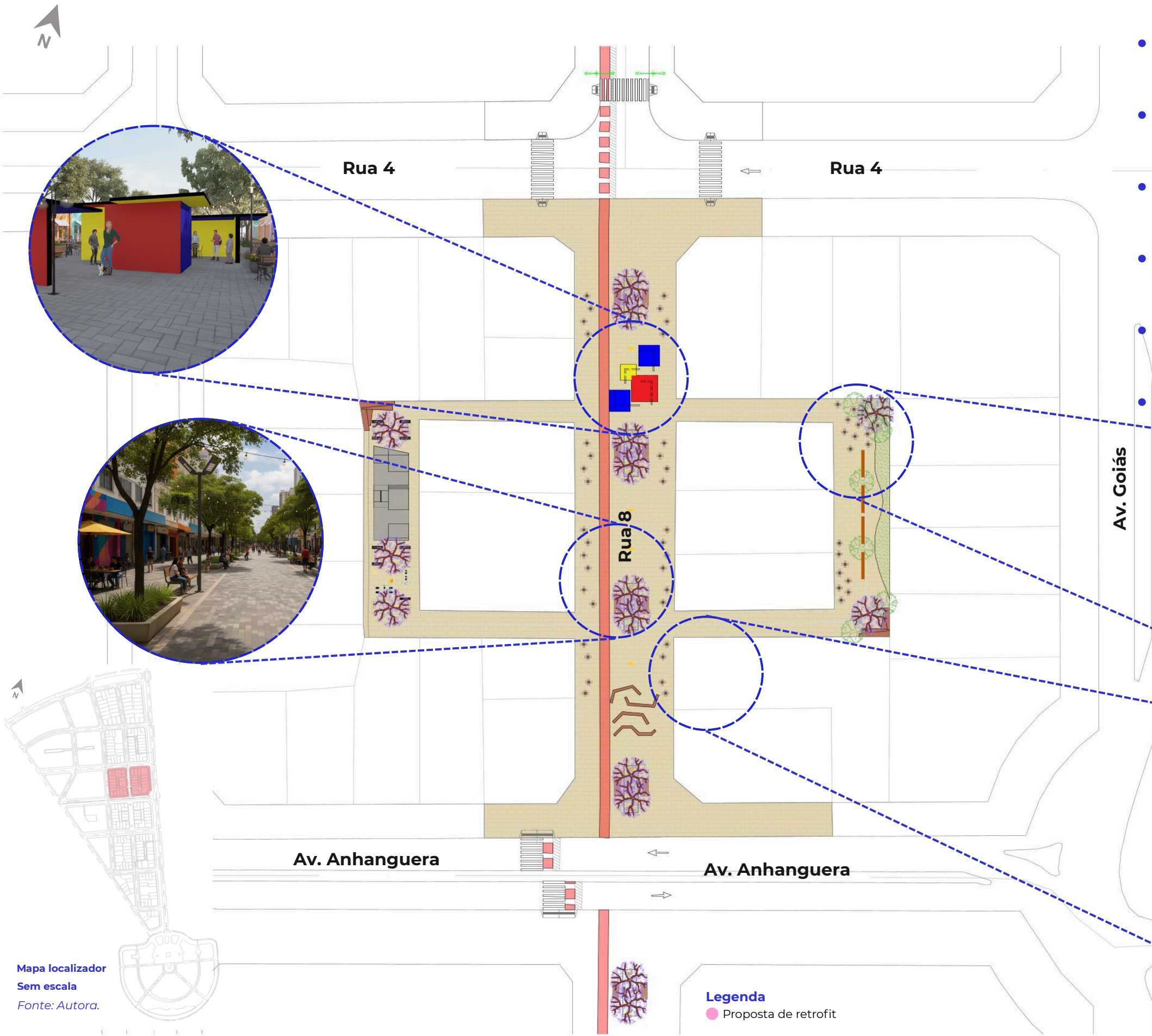
- Depois: Quadra localizada entre Avenida Anhanguera e Rua 4.



Propostas:

- Pedestrianização no trecho entre a Avenida Anhanguera e Rua 4.
- Limpeza e uniformização das fachadas. (implementar lei de fachadas já existente – lei 326/2020).
- Ampliar espaços de permanência e mobiliários urbanos (bancos, parklets, canteiros).
- Incentivar empreendimentos culturais, gastronômicos e de design sustentável na Rua 8.
- Integrar monitoramento comunitário e tecnológico para segurança, como câmeras, sensores e presença social.
- Retrofit de edifícios desocupados, atribuindo novos usos como salas comerciais, de serviços e espaços culturais.
- Revitalização das vielas.

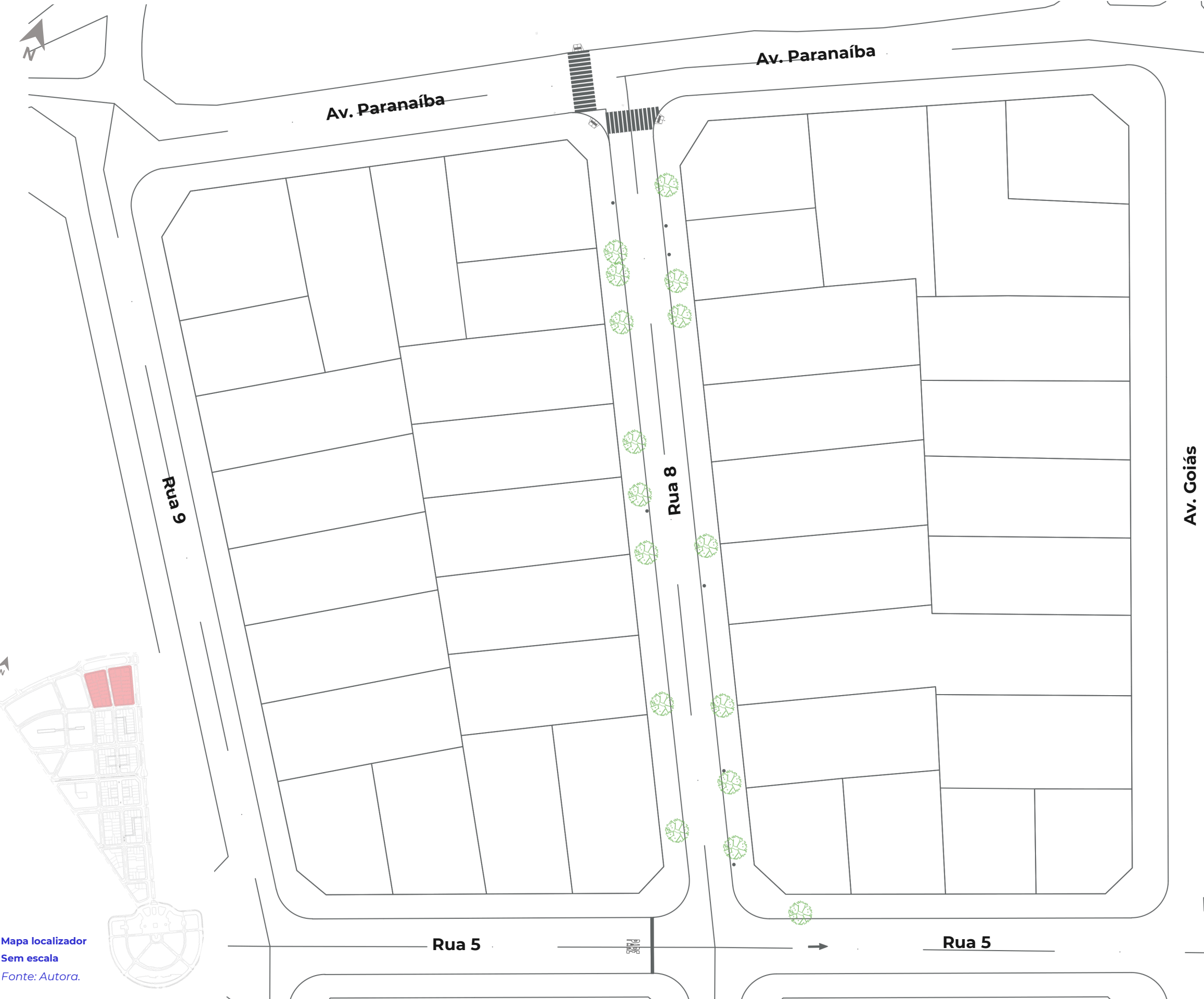
• Depois: Quadra localizada entre Avenida Anhanguera e Rua 4.



Propostas:

- Pedestrianização no trecho entre a Avenida Anhanguera e Rua 4.
- Limpeza e uniformização das fachadas. (implementar lei de fachadas já existente – lei 326/2020).
- Ampliar espaços de permanência e mobiliários urbanos (bancos, parklets, canteiros).
- Incentivar empreendimentos culturais, gastronômicos e de design sustentável na Rua 8.
- Integrar monitoramento comunitário e tecnológico para segurança, como câmeras, sensores e presença social.
- Retrofit de edifícios desocupados, atribuindo novos usos como salas comerciais, de serviços e espaços culturais.
- Revitalização das vielas.

- Antes: Quadra localizada entre Rua 5 e Avenida Paranaíba.



Mapa localizador
Sem escala
Fonte: Autora.

ESC.: 1:750
Fonte: Autora.

• Depois: Quadra localizada entre Rua 5 e Avenida Paranaíba.



Propostas:

- Limpeza e uniformização das fachadas. (implementar lei de fachadas já existente - lei 326/2020).
- Integrar monitoramento comunitário e tecnológico para segurança, como câmeras, sensores e presença social.
- Retrofit de edifícios desocupados, atribuindo novos usos como salas comerciais, de serviços e espaços culturais.
- Rua completa: ciclofaixa, faixa de amortecimento, faixa única para carros, vagas de estacionamento.
- Instalações artísticas atrativas para a população.
- Instalação de bicicletário no canteiro da Avenida Paranaíba - marcará o ponto final da ciclofaixa.

- **Imagens das Propostas: Quadra localizada entre Avenida Anhanguera e Rua 4.**

As propostas para o trecho da Rua 8 entre a Avenida Anhanguera e a Rua 4 buscam transformar esse eixo em um espaço mais seguro, agradável e voltado às pessoas. O desenho urbano foi reorganizado para priorizar a permanência, a mobilidade ativa e a qualificação dos espaços públicos, mantendo a função comercial já existente, mas oferecendo melhores condições de uso ao longo do dia e da noite.

Nesse sentido, foram previstos novos espaços de estar com mobiliários urbanos, áreas para uso cultural e comunitário e calçadas mais largas e acessíveis, reforçando o caráter de “rua completa”. A infraestrutura também foi redesenhada: instalação de postes de iluminação em LED, com altura entre 6 m e 8 m e espaçamento médio de 30 a 35 m, distribuídos bilateralmente; fiação subterrânea para reduzir a poluição visual; faixas de pedestres em todos os cruzamentos com rebaixamento de calçadas; ciclofaixa contínua ao longo da Rua 8, acompanhada de faixa de amortecimento e pontos de bicicletário; e vagas de estacionamento concentradas no lado direito da via, mantendo recuo de 6 m em relação às travessias para garantir maior visibilidade e segurança.

Figuras 95 e 96: Prédio desocupado entre Av. Anhanguera e Rua 4 X Imagem renderizada da proposta de retrofit.



Fonte: Autora, 2025.



Fonte: Autora, 2025.

- **Imagens das Propostas: Quadra localizada entre Avenida Anhanguera e Rua 4.**

Figuras 97, 98, 99 e 100: Imagens renderizadas das propostas X Situação atual do trecho entre Av. Anhanguera e Rua 4.



Fonte: Autora, 2025.



Fonte: Autora, 2025.



Fonte: Autora, 2025.



Fonte: Autora, 2025.

Figuras 101, 102, 103 e 104: Imagens renderizadas das propostas X Situação atual das vielas entre Av. Anhanguera e Rua 4.



Fonte: Autora, 2025.



Fonte: Autora, 2025.



Fonte: Autora, 2025.



Fonte: Autora, 2025.

7. Referências

- 100ARCHITECTS. Huellas Artes Project. Santiago de Chile, 2014. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/761017/intervencao-urbana-huellas-artes-um-toque-de-colorido-no-centro-de-santiago>. Acesso em: 5 out. 2025.
- ARCHDAILY BRASIL. Intervenção Urbana: Huellas Artes, um toque de colorido no centro de Santiago. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/761017/intervencao-urbana-huellas-artes-um-toque-de-colorido-no-centro-de-santiago>. Acesso em: 5 out. 2025.
- CORREA, E. A. L. Lugares centrais e lugares periféricos de Goiânia: diversidade e complexidade. Geografia (Londrina) Uel, Londrina, v.19, n.2, 2010.
- CORRÊA, Fernando. Ruas completas no Brasil: cidades que redesenharam vias com foco nas pessoas. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/966599/ruas-completas-no-brasil-cidades-que-redesenharam-vias-com-foco-nas-pessoas>. Acesso em: 29 out. 2025.
- DINIZ, Anamaria. Goiânia de Atílio Corrêa Lima (1932 – 1935) – Ideal estético e realidade política. / Anamaria Diniz – Brasília, 2007.
- DIÁRIO DE GOIÁS. Fachada limpa vira Lei em Goiânia para valorizar o patrimônio histórico. Diário de Goiás, Goiânia, 12 jan. 2020. Disponível em: <https://diariodegoias.com.br/fachada-limpa-vira-lei-em-goiania-para-valorizar-o-patrimonio-historico/136321/>. Acesso em: 24 nov. 2025.
- Facebook. Facebook.com. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1845910542246058&set=a.342195145950946>>. Acesso em: 20 nov. 2025.
- G1 GOIÁS. Rua do Lazer é entregue após obra de revitalização, em Goiânia. G1 Goiás, Goiânia, 19 out. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2019/10/19/rua-do-lazer-e-entregue-apos-obra-de-revitalizacao-em-goiania.ghtml>. Acesso em: 24 nov. 2025.
- GEHL, Jan. Cidades para Pessoas / Jan Gehl; Tradução Anita Di Marco. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GOIÂNIA. Lei Complementar nº 326, de 3 de janeiro de 2020. Dispõe sobre o Programa de Ordenação dos Engenheiros Publicitários nos Núcleos Urbanos Pioneiros de Goiânia. Disponível em: https://www.goiania.go.gov.br/html/gabinete_civil/sileg/dados/legis/2020/lc_20200103_000000326.html. Acesso em: 24 nov. 2025.
- GOIÂNIA. Prefeitura Municipal. Programa Centraliza – Documento Oficial. Goiânia, 2024. Disponível em: <https://www.goiania.go.gov.br/wp-content/uploads/2024/04/CENTRALIZA-COMPLETO.key.pdf>. Acesso em: 6 out. 2025.
- GONZAGA, A. S. Requalificação de centros urbanos considerando as relações com seu entorno imediato. In: KNEIB, E. C. Projeto e Cidade: ensaios acadêmicos. Goiânia: FUNAPE, 2013, P. 41-68
- GRAEFF, E.A. 1983: Goiânia 50 anos. 1ª edição, ed. MEC-SESU, 1985.
- GUIMARÃES, Luisa. Rua do Lazer passa por renascimento cultural com novos bares e ocupação de pessoas no Centro. O Popular. Disponível em: <<https://opopular.com.br/magazine/rua-do-lazer-passa-por-renascimento-cultural-com-novos-bares-e-ocupac-o-de-pessoas-no-centro-1.3292661>>. Acesso em: 26 nov. 2025.
- JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades / Jane Jacobs; tradução Carlos S. Mendes Rosa; revisão da tradução Maria Estela Heider Cavalheiro; revisão técnica Cheila Aparecida Gomes Bailão. – São Paulo; Martins Fontes, 2000. (Coleção a)
- JORNAL OPÇÃO. Rua do Lazer em Goiânia sofre com vandalismo e com comércio desocupado. Jornal Opção, Goiânia, 8 set. 2023. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/cotidiano/rua-do-lazer-em-goiania-sofre-com-vandalismo-e-com-comercios-desocupados-528755/>. Acesso em: 24 nov. 2025.
- KNEIB, E. C. Caracterização de empreendimentos geradores de viagens: contribuição conceitual à análise de seus impactos no uso, ocupação e valorização do solo urbano. Dissertação de mestrado em Transportes, Universidade de Brasília. 2004.
- LUCHESE, Cecilia. Atílio Corrêa Lima – o “inventor” de Goiânia. THE URBAN EARTH. Disponível em: <<https://theurbanearth.wordpress.com/2009/03/10/attilio-correa-lima-o-inventor-de-goiania/>>. Acesso em: 3 nov. 2025.
- LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1997.
- LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. Tradução de Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70, 1999.
- MAIS GOIÁS. Requalificação do Centro: quase metade dos estabelecimentos da Rua do Lazer de Goiânia estão desocupados. Mais Goiás, Goiânia, 28 ago. 2023. Disponível em: <https://www.maisgoias.com.br/cidades/requalificacao-do-centro-quase-metade-dos-estabelecimentos-da-rua-do-lazer-de-goiania-estao>. Acesso em: 24 nov. 2025.
- MARQUES, Luanna ; MAIS GOIÁS. Comerciantes reclamam de sujeira causada pelo projeto “Ocupa o Centro” em Goiânia. Mais Goiás. Disponível em: <https://www.maisgoias.com.br/cidades/comerciantes-reclamam-de-sujeira-causada-pelo-projeto-ocupa-o-centro-em-goiania/?utm_source=chatgpt.com>. Acesso em: 26 nov. 2025.
- MÁXIMO, Pedro Henrique; BARBOSA, Lucas Jordano de Melo; REZENDE, Mayara Dayanne Sousa. O Plano Goiânia 21 e as intervenções no Centro de Goiânia. Revista Mirante, Anápolis, v. 9, n. 1, p. 199-215, jun. 2016.
- MOREIRA, Maria da Graça Santos Antunes – Requalificação urbana: alguns conceitos básicos. Artitextos. ISBN 978-972-9346-03-3. Nº 5 (Dez. 2007), p.117-129
- MOURA, Dulce; GUERRA, Isabel; SEIXAS, João; FREITAS, Maria João. A revitalização urbana cidades – contributos para a definição de um conceito operativo. Comunidades e Territórios, n. 12/13, p. 15-34, dez. 2006.

NASCIMENTO, D. T. F.; OLIVEIRA, I. J. Mapeamento do processo histórico de expansão urbana do município de Goiânia – GO. GEOgraphia – Ano. 17 – Nº34 – 2015.

O POPULAR. Lei das fachadas em Goiânia fica só no papel. O Popular, Goiânia, 16 abr. 2022. Disponível em: <https://opopular.com.br/cidades/lei-das-fachadas-em-goiania-fica-so-no-papel-1.2455386>. Acesso em: 24 nov. 2025.

OLIVEIRA, Josiane Silva de; MORAIS, Juliana Mendes de; SILVA, Marcos Pedro da. Rua do Lazer no Centro de Goiânia: uma análise a partir do conceito de lugar. InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade, v. 7, e202122, 2021.

PAGE. Centro renasce em Goiânia com noite agitada. Dm.com.br. Disponível em: <<https://www.dm.com.br/goiania/centro-renasce-em-goiania-com-noite-agitada/>>. Acesso em: 26 nov. 2025.

PEREIRA, Pedro Henrique Máximo; BARBOSA, Lucas Jordando de Melo; REZENDE, Mayara Dayanne Sousa. O plano Goiânia 21 e as intervenções no centro de Goiânia. Revista Mirante, Anápolis, v. 9, n. 1, p. 199-215, jun. 2016

SALVIANO, S. A. Patrimônio, acessibilidade, mobilidade – Intervenção na Avenida Goiás. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Goiás. 2022.

SANSÃO, Adriana. Ruas completas na universidade ajudam a pensar e projetar a cidade na escala humana. ArchDaily Brasil. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/978914/ruas-completas-na-universidade-ajudam-a-pensar-e-projetar-a-cidade-na-escala-humana?ad_campaign=normal-tag. Acesso em: 29 out. 2025.

SILVA, Ciro Augusto de Oliveira e. Revitalização e preservação do patrimônio arquitetônico e urbanístico do centro de Goiânia. 2006. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006.

SILVA, Jordana Gouveia e; TEIXEIRA, Éderson. Patrimônio, memória e pessoas nos centros urbanos: Uma análise da revitalização da Praça Cívica, Goiânia-GO. Paranoá: Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Brasília, v. 14, n. 30, p. 1-19, 2021.

VARGAS, Heliana Comin. Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados / Heliana Comin Vargas, Ana Luisa Howard de Castilho. – 3. Ed. – Barueri, SP. Manole, 2015.

VILARINHO, L. C. Descentralização do Centro de Goiânia (1950-1980). Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 40, v. 2, p. 39-58, Jul./Dez. 2018.

VILLAÇA, Flávio. Espaço intra-urbano no Brasil. São Paulo: Studio Nobel, 2001.